

# Revolução

**Otelo** – de Santarém

para o Alto do Duque

**Revolucionários presos**

– libertação

para

**todos**



28 de Setembro – 11 de Março – 25 de Novembro

**O PODER**

**TEM MEDO**

**DOS JULGAMENTOS**

Pág. 3

**PORTO**

**CONTRA**

**A EXPULSÃO**

**DOS MORADORES POBRES**

Pág. 6

**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO**

# PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES

## A necessidade dum Revolução Cultural

Em Portugal, frequentemente, fala-se de processo revolucionário que não existe, pois em realidade o País sofre dos mesmos problemas que antes do 25 de Abril. Para haver um processo revolucionário, é necessário uma **revolução cultural**, que elimine os cancro que corrompem o nosso País. E senão vejamos:

- 1) **ANALFABETISMO** — Últimas estatísticas internacionais, Portugal tem entre 30 a 35 por cento de analfabetos, enquanto o resto da Europa — 2 por cento (excepção — Espanha — Grécia) — Argentina — 9 por cento.
- 2) **A mulher portuguesa** — Humilhada, ultrajada e esquecida no fascismo, a mulher

portuguesa continua a sua senda de escravidão do fascismo português; sua missão é e será sofrer, instrumento de prazer, e dar filhos ao mundo; sem dignidade, sem amor, sem valor.

- 3) **A igreja católica** — Baluarte do fascismo, no seu fanatismo medieval, explora o analfabetismo, a ignorância, a miséria do povo de Portugal, para criar receios, medos, e tabus nas mentalidades acéfalas do nosso povo; enquanto por outros lados com «palavrinhas mansas» promete um mundo melhor (depois da morte!) sem deixar de fazer o negócio prosperar (neste mundo) no

meio da miséria geral.

- 4) **Trabalho** — Durante o fascismo exportamos gado humano para engordar as democracias europeias. Esse pobres portugueses, mandavam o dinheiro com que a Igreja e o Estado Novo mantinham as **cruzadas sagradas**, na África, para defesa da Civilização Ocidental! Agora, continuamos a enviar os mesmos pobres, talvez para construir o castiço socialista à portuguesa.
- 5) **Sociedade portuguesa** — No fascismo tínhamos orgulho e a bênção e amém da Igreja no cancro e luxúria humana de filhos ilegítimos, de crianças taradas, de

tuberculosos, de mendigos, de prostitutas. Verdadeira aguarela portuguesa de dor, de injustiça, de revolta, aí está nas nossas aldeias e cidades, talvez para os turistas!

- 6) **Silêncio** — Durante a tenebrosa noite de 48 anos de hibernação e louçura geral, ninguém ousou falar dos **verdadeiros cancro do nosso povo**. E hoje? A cegueira continua infelizmente, pois nenhum partido crítica ou fala de «cancros» que estão a corromper Portugal. Será medo ou como-dismo?

Termo esta carta com uma frase do «CHE»:

**«SE VOCÊ É CAPAZ DE TREMER DE INDIGNAÇÃO CADA VEZ QUE SE COMETE UMA INJUSTIÇA NO MUNDO; SOMOS COMPANHEIROS; E MAIS IMPORTANTE SOIS REVOLUCIONÁRIO»**

Em Portugal todos os dias há injustiças contra este povo, pobre de inocência, de natureza pacata, de servilismo cego e fácil. Ninguém treme de indignação! Porquê?

**PORQUE NÃO HÁ REVOLUCIONÁRIOS!**

MÁRIO M A

Porta-Voz do PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO



# Revolução

## “A LUTA DO MPLA É DE TODOS QUANTOS DESEJAM A LIBERDADE”

Camaradas:

Como «A luta do M.P.L.A. é de todos quantos desejam a liberdade» venho aqui esboçar o meu incondicional apoio à justa luta do povo angolano, que tem como vanguarda o M.P.L.A., e a de todos os povos oprimidos e explorados pelo fascismo.

Como simpatizante do Partido Revolucionário do Proletariado e, pois revolucionário, não podia deixar de passar em

branco a data comemorável do 4 de Fevereiro, data em que iniciou em Angola a insurreição armada da contra colonialismo português (há já 15 anos) insurreição essa que visava a independência total do povo angolano. Hoje assistimos à continuação da insurreição armada em Angola mas contra o capitalismo americano (U.P.A./F.N.L.A./U.N.I.T.A.)-C.I.A. Mas não só em Angola o capitalismo investe contra as forças popula-

res, também em Portugal ele avança (ou, pelo menos, tenta).

Não será que estão presos ou foram saneados «os homens do 25 de Abril»?

Temos o caso de Otelito, por exemplo. Não será que os patrões investem com toda a força contra os trabalhadores? E a informação? E os preços?

Saudações Revolucionárias L.G.

### Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME .....  
 MORADA .....  
 LOCALIDADE .....  
 PROFISSÃO .....

ASSINATURA: Semestral — 90\$00  
 — 180\$00

Estrangeiro

ASSINATURA: Semanal — 300\$00  
 Anual — 600\$00

PAGAMENTO: Em cheque  
 Em vales

### PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO SEDES

SEDE CENTRAL — Rua Castilho n.º 70, Lisboa  
 Tel. 573520/573640/573717/573670

JORNAL «REVOLUÇÃO» — Rua Castilho n.º 70, Lisboa  
 Tel. 573520/573640/573717/573670

#### ORG. REGIONAL DO NORTE

PORTO — Rua Álvares Cabral, 110  
 Tel. 315799/315786

VIANA DO CASTELO — Rua de Altamira, 102 Tel. 24320

#### ORG. REGIONAL DO CENTRO

COIMBRA — Rua Eça de Queirós, nº 33  
 MARINHA GRANDE — Rua Marques de Pombal, nº 65  
 ARGEA — Tel. 82169

COVILHÃ — Rua Visconde da Coriscada, n.º 60 — Tel. 25542  
 CASTELO BRANCO — Alameda da Liberdade, n.º 116  
 S. JOÃO DA MADEIRA — Rua Jaime Afreixo, n.º 142

#### ORG. REGIONAL DE LISBOA

LISBOA — Av. da República, n.º 40  
 ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedroso, n. 15 — Algés de Cima  
 Tel. 2100337  
 PAREDE — Rua Gomes Freire de Andrade, 1 Tel. 2474142

SACAVÉM — Largo 5 de Outubro, n.º 16-17 Tel. 2512807  
 AMADORA — Rua Gonçalves Ramos, n.º 40 Tel. 939525  
 Tel. 2474142

#### ORG. REGIONAL DA MARGEM SUL

SETUBAL — Rua Jorge de Sousa (Colégio Frei Agostinho da Cruz)  
 BARRIO — Rua dr. Eusébio Leão, n.º 31 Tel. 2076745  
 LAVRADIO — Rua dr. José Carneiro Lobo, rd 12

CDVA DA PEDADE — Estrada Nacional, n.º 10 Tel. 2763267/2763397/2763122  
 QUINTA DA LOMBA — Praça Francisco Xavier  
 SINES — Rua Marques de Pombal, n.º 86

#### ORG. REGIONAL DOS ALENTEJOS

EVORA — Largo do Chão das Covas, n.º 21 Tel. 24998

BEJA — Rua Alexandre Herculano, n.º 29 Tel. 24594

#### ORG. REGIONAL DO ALGARVE

FARO — Rua Dr. Candido Guerreiro, 35 Tel. 24107  
 LOULÉ — Av. José da Costa Meilha, n.º 39-1.º Tel. 63043  
 PORTIMÃO — Rua 5 de Outubro, 17

OLHÃO — Rua 18 de Junho, n.º 64-B-C  
 FERRAGUDO — Rua 1.º de Maio

#### UNIVERSIDADE PROLETÁRIA

LISBOA — Av. 5 de Outubro Tel. 770017

RAMALHO EANES:

# "INTENSIFICAR AS RELAÇÕES COM A NATO"



Intensificar relações com a N. A. T. O. é servir o imperialismo americano. Esta é a função dos actuais chefes militares

Com o fim de visitar oficialmente o SHAPE (Comando Militar da N.A.T.O.) e outras estruturas militares ligadas à Organização do Tratado do Atlântico Norte, partiu na passada segunda-feira para Bruxelas o general Ramalho Eanes, Chefe do Estado-Maior do Exército.

Se bem que Eanes já tivesse afirmado ao jornal conservador alemão «Die Welt» que Portugal «tinha voltado a ser fiel aos compromissos perante a Aliança Atlântica», não deixa de ser significativo esta sua visita ao Comando Militar da N.A.T.O.; vejamos o modo como um dos responsáveis militares do golpe reaccionário do 25 de Novembro descreve o objectivo da sua visita:

«A preocupação principal desta minha deslocação reside na tentativa de intensificar ainda mais as nossas relações com a N.A.T.O. (...) Não levo, portanto, pontos específicos e concretos na minha agenda mas apenas um desejo grande de dialogar e intensificar os nossos contactos militares com o exterior».

De sublinhar que entre as diversas entidades militares presentes no aeroporto a apresentar cumprimentos de despedida, se encontravam dois adiutos militares norte-americanos em Lisboa, o coronel Jaime Neves e ainda o major Vítor Alves.

## A PERSONALIDADE DE EANES

O perfil político do actual Chefe do Estado-Maior do Exército tem sido alvo nas últimas semanas de larga discussão e controvérsia nos nossos meios políticos.

Assim, e enquanto o comentarista social-democrata (P.P.D.) do «Expresso» promove, desde já e descaradamente, uma campanha de propaganda

para a candidatura de Eanes às presidenciais, muitos são aqueles que se interrogam sobre a questão de saber até que ponto está Eanes comprometido com a direita militar.

Eanes, é sem dúvida, um militar que fala pouco. No entanto, existem já suficientes declarações suas oficiais para que se lhe interprete correctamente o pensamento (discurso no R. de Comandos da Amadora, entrevista ao «Die Welt», anúncio de reestruturação do Exército, declarações à saída do aeroporto, etc.) De resto, bem mais importante do que as declarações é a prática de qualquer indivíduo. E, também neste aspecto, não se pode dizer que Eanes seja um progressista: atestam-no o saneamento dos militares de esquerda bem como a prisão de Otelo por si ordenada na sequência do relatório sobre o 25 de Novembro em antecipação as eventuais pressões de direita.

Eanes é, sem dúvida, o clássico oficial amante da ordem e da boa disciplina militarista existentes no Exército burguês. Trata-se de um militar que, sendo um magnífico intérprete dos anseios e necessidades da sua classe social, será sempre incapaz de adiantar um milímetro que seja na construção de uma sociedade socialista (mau grado algumas referências que lhe fez aqui há tempos...)

De resto, a Imprensa mostra bem quais são as forças que (se) apoiam e incitam Eanes: além do já referido analista do P.P.D., a última edição do semanário «Tempo», pela pena do militar fascista, na reserva e ex-colega de Eanes que dá pelo pseudónimo de Manuel de Portugal, afirma bem claramente que Eanes terá que ser o garante da reintegração de todos os fascistas saneados e da restauração do con-

ceito fascista-chauvinista de Pátria (conceito que nada tem a ver com Independência Nacional).

No entanto, Eanes é também um oficial inteligente (como convém à burguesia): é assim que, aproveitando-se da fama de esquerda do major Brissos de Carvalho (ex-governador civil de Beja), convida este militar para fazer parte do seu Estado-Maior e trabalhar nas questões ligadas à Reforma Agrária. Este convite, que visa apenas legitimar uma relativa aparência de abertura à esquerda, serviria também, no caso de ser aceite por Brissos de Carvalho, para caucionar uma certa aceitação de Eanes no seio dos trabalhadores. Alentejanos.

Em suma: Eanes é um militar que, querendo dar a sensação que se situa entre os «nove» (V. Lourenço, Charais, Pizarat, Melo Antunes, etc.) e a direita militar (Pires Veloso, Altino de Magalhães, Jaime Neves, Soares Carneiro, Loureiro dos Santos, Souto Cruz, Pinho Freire, Morais e Silva) deverá balançar para o lado da direita militar sempre que o equilíbrio seja desfeito.

## SOUTO CRUZ E A N.A.T.O.

Profundamente reaccionário e anti-comunista (sob a carga de anti-PCPista), também o actual Chefe de Estado-Maior da Armada, almirante Souto da Cruz, abordou as relações de Portugal com a N.A.T.O.

Assim, no 13.º Colóquio Internacional da Associação Alemão Federal «Wehrkunde», Souto Cruz afirma:

«Apesar de numerosas pressões políticas, especialmente do Partido Comunista, Portugal conseguiu manter-se na Aliança Atlântica. A influência comunista na Europa do Sul deve-se ao subdesenvolvimento da sua economia e ao aumento da miséria das classes populares. Por isso mesmo é necessário ajudar esses países se se quer mantê-los comprometidos com a N.A.T.O.»

Em suma: conhecida que era já antes do 25 de Novembro a posição reaccionária do Chefe de Estado-Maior da Força Aérea, passamos a ter daquela data dois reaccionários a ocuparem respectivamente o C.E.M.E./CEMA.

28 de Setembro - 11 de Março - 25 de Novembro

## O PODER TEM MEDO DOS JULGAMENTOS

Semanalmente têm sido libertados militares reaccionários envolvidos nos golpes fascistas de 28 de Setembro e 11 de Março. Do mesmo modo, muitos dos militares revolucionários e antifascistas presos pela incriminação da direita de tentativa no pseudo-golpe de esquerda, tem sido postos em liberdade. Uns e outros sem terem sido julgados!

Entretanto, corre em certos níveis militares que o poder actual se prepara para libertar efectivamente **todos** os fascistas do 11 de Março e 28 de Setembro, bem como **todos** os progressistas e revolucionários presos pelo 25 de Novembro e que estas libertações aos correspondem a um esforço do poder no sentido de ir preparando a opinião pública, de uma forma «suave» para a amnistia total.

O que é que isto significa? Porque acontece isto?

Por um lado, as contradições existentes a nível do Poder, onde estão homens realmente fascistas e ao mesmo tempo homens que ainda acreditam numa solução dita «democrática», não permite que sejam julgados como fascistas os homens do 28 de Setembro e 11 de Março, mas também não permite que sejam amnistiados os revolucionários do 25 de Novembro ou considerados golpistas (até porque que provas apresentariam?)

Por outro lado há o comprometimento de muitas figuras do actual Poder, nos dois golpes fascistas — fazer o julgamento do 28 de Setembro e do 11 de Março seria descobrir o focinho a muitos gatos escondidos com o rabo um pouco de fora.

Também fazer um julgamento do 25 de Novembro (que julgamento?) seria o desmascarar daquilo que não foi golpe de esquerda mas sim golpe orquestrado das forças de direita.

Não convém a essa direita. Também não convém aos meloantunistas que já se sentem com o pelo chamuscado pelo fogo fascista da direita que ergue a cabeça e que não os pouparia a eles, no caso de vencer.

# CONTRA O FASCISMO

# UNIDADE REVOLUCIONÁRIA

## Comunicado da célula da TAP do PRP

1 — O actual poder político Social-Democrata continua claramente posto perante uma situação de impossibilidade de governação.

É a sua política de reinstalação do Capitalismo num país extraordinariamente dependente do Imperialismo que faz com que este poder não consiga governar, sem ter montada e afinada uma máquina repressiva, uma polícia política.

Vive-se num vazio político: De um lado os trabalhadores, alguns conscientes do seu papel revolucionário na transformação desta sociedade, outros divididos e manipulados por forças que na realidade não querem a destruição do capitalismo para a instauração do Socialismo. Doutro lado a burguesia dominante tentando a todo o custo recuperar todo o terreno perdido com o avanço dos trabalhadores organizados, sentindo-se incapazes devido à falta de um aparelho repressivo (bem montado) para poderem levar por diante toda a sua exploração.

Para este facto muito tem contribuído a organização e a luta dos soldados. Foram estes os primeiros a travar a reorganização do mesmo aparelho repressivo. No entanto a degradação da economia não estaciona e a chantagem do Capitalismo Internacional não perdoa. O boicote económico continua, o dinheiro está prometido, o juro assegurado mas só para depois das eleições. Sim, porque não tenhamos dúvidas que a actual situação ainda não serve de forma alguma a burguesia. Os Capitais terão que ser refeitos, os juros terão que ser repostos e para tal a produção terá que aumentar brutalmente, assim como os preços dos bens de consumo, transportes e outros, e logicamente que os salários dos trabalhadores terão que baixar não só em termos relativos como até em termos absolutos. Isto é científico, são as leis da economia capitalista. A burguesia conhece-as e sabe aplicá-las. Por isso os trabalhadores terão que se organizar unitariamente e desencadear uma luta feroz não só no sentido de travar todo este processo que desemboca rapidamente no fascismo, mas também de o destruir rapidamente.

A burguesia e os seus partidos prepararam-se para as eleições. Prepararam-se para de novo confundir, iludir e dividir a classe operária. Na nossa análise não nos resta dúvidas que estas serão as eleições para a legalização do fascismo.

A classe operária, os trabalhadores, todos os revolucionários, enfim todos aqueles que se assumem como verdadeiros militantes da classe, devem conjugar esforços para revolucionariamente dizer **NÃO às eleições do fascismo** aproveitando este momento de vazio político no sentido de reforçar os seus órgãos de classe, criar novos organismos mais condizentes com o actual momento político ligando-os numa perspectiva de luta.

2 — De novo os trabalhadores da TAP vão-se pronunciar acerca do seu órgão representativo.

De novo os trabalhadores da TAP irão cair na burla de eleger uma lista de pessoas não conhecidas da maioria dos trabalhadores.

De novo os trabalhadores da TAP irão votar sem estarem suficientemente esclarecidos sobre as linhas de acção a que se propõe cada uma das listas.

A Comissão anti-operária cessante interrompe o seu mandato de uma forma de golpe político, provocando taticamente um vazio a nível do órgão representativo dos trabalhadores com o intuito fraudulento de fazer avançar outros e em seguida desencadear um processo de forte contestação que irá igualmente servir de impulso para a reorganização na empresa da força partidária que foi dominante nessa Comissão anti-operária cessante.

Efectivamente a herança deixada pela última C.T. é extraordinariamente negativa. Aliás está bem claro no «Relatório das Actividades» divulgado aos trabalhadores, que por vezes nos parece mais um relatório da Comissão Administrativa ou da Comissão Directiva do que propriamente de uma de uma Comissão de Trabalhadores. Esse «relatório» quase que exige um contra-relatório que o desmascare totalmente. Mas ultrapassando a acção anti-trabalhadora da última Comissão, deparamos com a catastrófica realidade. Os Trabalhadores da TAP não se encontram minimamente unificados. Este facto para nós é o mais grave. Não houve capacidade de apresentar um projecto que unificasse os trabalhadores, e esta torna-se a tarefa prioritária da próxima Comissão de Trabalhadores (seja ela qual for). Unificá-los local por local, sector por sector e no seu todo. Simultaneamente apresentar aos trabalhadores uma forma correcta de organização, de onde resulte um órgão representativo, eficiente, enfim, um verdadeiro órgão de poder de classe. Em seguida promover a rápida eleição desse órgão, com todo um processo de base e de democracia directa. Será necessário que os trabalhadores se convençam que a TAP não é nenhuma ilha, mas sim peça integrante de um contexto sócio-económico e como tal nela aqui também se reflectirá toda a crise do Capitalismo Nacional e Internacional. Logo será necessário que os trabalhadores da TAP não se deixem isolar do movimento operário, pelo contrário, se entreguem nele o desenvolvimento uma luta consequente contra o Capitalismo e contra o Imperialismo, aplicando as formas mais adequadas a cada momento histórico.

A luta anti-fascista põe-se hoje em termos imediatos. Sobre este ponto, pensamos que os trabalhadores além de se integrarem e se empenharem violentamente na destruição do fascismo a nível nacional, terão internamente de criar já focos de luta anti-fascista, numa perspectiva muito unitária, para aniquilar de vez o fascismo organizado que já fez a sua aparição pública na nossa Empresa através de comunicados.

O momento é de luta, e para se

usarem manipular os trabalhadores para os seus fins sectários e divisionistas.

Apoiamos toda e qualquer Comissão de Trabalhadores que desenvolvam um trabalho nesse sentido. Combateremos aquelas que de uma forma golpista tenham como único objectivo

usarem manipular os trabalhadores para os seus fins sectários e divisionistas.

**UNIR ORGANIZAR LUTAR  
UMA SÓ SOLUÇÃO, REVOLUÇÃO SOCIALISTA**

lisboa, 23 de Fevereiro de 1976  
Célula da TAP do P.R.P.

## VIANA DO CASTELO

## Comunicado do C.A.F.

Em sequência da conferência de imprensa dada na semana anterior os reaccionários do C. D. S. levaram a efeito na sua sede na última sexta-feira dia 20, uma sessão de esclarecimento. Os revolucionários antifascistas de Viana do Castelo, vendo nisto a tentativa declarada de penetração por parte das forças da burguesia, imediatamente reagiram com uma organização unitária que corresponde-se a este ou a qualquer outra futura provocação dos fascistas.

Esta organização manifestou-se pela criação antifascista que a ser futuramente consolidado visa reintegrar todos os revolucionários e antifascistas consequentes de Viana. A evidência do momento político que vivemos da necessidade de criação da organização de formas unitárias de luta contra o avanço do fascismo levou que a manifestação convocada tivesse um apoio de antifascistas das mais diversas posições partidárias.

Sobre os acontecimentos da noite de sexta-feira foi elaborado pelo CAF (em formação) o seguinte comunicado:

### O POVO DE VIANA É ANTIFASCISTA

Após o 25 de Novembro o fascismo tem avançado no sentido de tentar esmagar as conquistas conseguidas pela classe operária e o povo e instaurar uma sangrenta ditadura fascista idêntica ou pior aquela em que vivemos durante 48 anos.

Como exemplo do avanço fascista, temos a prisão dos militares revolucionários que fizeram o 25 de Abril em troca da libertação dos «pídes» e outros fascistas, o regresso de patrões às empresas, o ataque à justa luta dos camponeses interessados na Reforma Agrária, dos ataques terroristas e bombistas, etc.

Ontem em Viana, terra de tradições antifascistas pela segunda vez no espaço de uma semana o C. D. S. fascista realizou uma sessão pública à qual

não pretendeu esclarecer ninguém mas antes provocar e proferir os sentimentos antifascistas do povo trabalhador de Viana.

Mas, ao contrário do que aconteceu na última semana em que de uma forma organizada e espontânea algumas dezenas de antifascistas contestaram a conferência de imprensa realizada ontem com o mínimo de organização e agitação conseguiu-se uma forte mobilização de massas que provoca a palavra de ordem gritada O POVO DE VIANA É ANTIFASCISTA.

Não era uma palavra sem sentido. Uma vez mais as forças repressivas da P. S. P. fortemente armadas de G3 e gases lacrimogéneos, protegeram a sede do partido fascista C. D. S. impedindo o avanço dos manifestantes antifascistas na sua acção de repúdio por mais esta provocação.

As lições retiradas desta luta demonstram-nos que só a unidade e a organização do povo trabalhador independentemente das suas opções partidárias, a única forma de levantar uma forte barreira capaz de travar o avanço do fascismo e responder taca a taca à violência reaccionária. É nesse sentido que se justifica a criação do Comité Unitário Antifascista cuja primeira acção foi a convocação de organização da manifestação de ordem.

Camaradas, não podemos ficar por aqui, o Comité Antifascista em formação (C.A.E.) só poderá atingir os seus objectivos se todos os antifascistas de Viana se entregarem e colaborarem activamente!

CONTRA O FASCISMO; CONTRA O CAPITAL OFENSIVO POPULAR  
MORTE AO FASCISMO E A QUEM O APOIAR  
O FASCISMO NÃO PASSARÁ  
EM FRENTE PELA FORMAÇÃO DO CAF

C A F de Viana  
(em formação)

# NACIONALIDADE!?

## — Emigrante... (em Inglaterra)

... O Revolução foi a Londres e entrevistou um emigrante português. Queríamos saber dos problemas dos emigrantes em Inglaterra, das suas reacções à situação em Portugal, dos seus projectos e formas de luta em que se têm envolvido. Escolhemos um camarada em tudo semelhante aos cerca de 30.000 portugueses, que, na hotelaria, nos hospitais, ou como domésticos — únicas actividades que são autorizadas a praticar — tentam ganhar em Inglaterra o pão que lhes foi recusado em Portugal. Este camarada tem-se no entanto distinguido pelo seu esforço contínuo de organizar os trabalhadores emigrantes.

Trata-se dum emigrante típico. Nasceu em Évora de pais extremamente pobres (o pai pintor e a mãe empregada doméstica desde os 7 anos), a família viu-se forçada a emigrar para Lisboa quando ele tinha 15 anos. Cinco anos mais tarde emigrou para Angola, onde viveu até aos 30. O ambiente de Luanda, sob a pressão da guerra colonial, trouxe-o então para Londres, numa deslocação que pela primeira vez não se deveu a razões estritamente económicas. Aqui vive agora, tendo trabalhado inicialmente em vários hotéis e restaurantes, e nos últimos dois anos como porteiro de um prédio da zona rica da cidade. Tem um horário de 11 horas e não conseguiu juntar quaisquer economias. Da semana inglesa, tão falada em Portugal, diz que muito poucos são os nossos emigrantes que alguma a tenham gozado.

— é natural. O problema resulta do isolamento e de que a Secretaria da Emigração e outros departamentos, que deviam esclarece-los, não o fazem; eles não sabem que os ocupantes e as Comissões de Moradores respeitam as suas casas, pois, num processo revolucionário, os trabalhadores claro que não os vão roubar outros trabalhadores.

Os governantes que nos tem visitado, como o engenheiro Pedro Coelho, secretário da Emigração, vem sobretudo angariar votos para os seus partidos, nesse caso o PS. Quanto à Embaixada, Consulado, etc., limitam-se ao trabalho do tempo do fascismo.

Depois de nos descrever as fases por que passaram os funcionários dos organismos do Estado em Londres, a seguir à queda do fascismo e com reacções claras ao 28 de Setembro e ao 11 de Março, o nosso camarada disse-nos:

— Desde o início de viragem à direita, sobretudo desde a tomada de posse do VI Governo a sua atitude mudou completamente. Voltou tudo à antiga. A Embaixada ignora os emigrantes e os emigrantes, por sua vez, também a ignoram. Nós, trabalhadores, só sabemos é que o embaixador ganha 2.500 libras por mês (150 contos) e os secretários 1.100 (60 contos). Aqui no prédio de que sou porteiro mora um terceiro secretário que paga cerca de 7 contos de renda! Isto é tudo o que sabemos e chega!

### A ORGANIZAÇÃO DOS EMIGRANTES

O nosso camarada explicou-nos então a dificuldade que os emigrantes encontram em organizar-se. Dispersão e falta de tempo livre. Os principais quadros políticos, que se limitavam a um salário de sobrevivência e dedicavam o resto do tempo às tarefas de organização sindical, recreativa ou mesmo política, regressaram na sua maioria a Portugal depois do 25 de Abril. Com o regresso dos exilados e o falhanço dos departamentos do Estado, agora que esse trabalho é possível sem o receio da Pide, ele é menor do que nunca, embora alguns camaradas continuem a tentá-lo. Os núcleos locais dos partidos governamentais também não o fazem, nem o poderiam fazer. Os seus militantes nunca foram capazes de ir constantemente aos hotéis e hospitais, onde estão os trabalhadores emigrantes e o trabalho de organização aqui exige. Os que se entregavam no passado a esse trabalho estão hoje na esquerda revolucionária.

### OS PROBLEMAS DOS EMIGRANTES

Sobre os problemas fundamentais



dos emigrantes, disse-nos:

— Os problemas do emigrante são comuns aos dos trabalhadores em geral: insegurança. Não saber se no dia seguinte tem trabalho, se é expulso da casa onde vive, etc.. No seu caso particular, a língua e o desconhecimento das leis do país, de que pode até ser expulso, fazem-no sentir-se ainda mais desprotegido. Ao contrário do que muitos pensam, os emigrantes não sonham com uma sociedade como a que encontraram aqui. O seu desejo mais vivo é o regresso a Portugal. Repudiam esta sociedade. Atendendo a estas ambições de regresso, os emigrantes procuram garantir essa segurança social sem sobressaltos. Uma das suas reivindicações mais urgentes é, assim, que o dinheiro aqui descontado para a reforma seja transferido para Portugal. A nossa situação é a de, no regresso, perdermos a nossa reforma aqui, onde trabalhámos tantos anos, e não a termos à chegada.

### OS EMIGRANTES E AS ELEIÇÕES

— Como pensas que os emigrantes vão reagir nas próximas eleições?

— Ando a recomendar a todos os emigrantes que encontro que não abandonem a Inglaterra sem ver uma sessão do Parlamento ingles. Casualmente, fui lá o outro dia e, ao assistir a um debate, mais do que nunca fiquei convencido de que não podíamos entregar a indivíduos como os que ali estão, os nossos problemas. Devido à propaganda do tempo do fascismo que certas organizações meteram na cabeça das pessoas, uma das crenças é que Portugal seria outro país, com todos os problemas resolvidos, se houvesse eleições livres para uma Assembleia. O anúncio das eleições e a autorização de formar partidos legais criaram uma expectativa e os emigrantes sentiam-se discriminados quando a lei de voto lhes restringiu esse direito.

Com a recente alteração à lei, e apesar do alargamento e da revolta anterior, neste momento o assunto deixou de lhes interessar e a participação vai diminuir imenso.

Isso resulta, em primeiro lugar, da frustração de sentirem que o 25 de Abril não os afectou e, segundo, tens de compreender, eu, por exemplo que me considero relativamente informado e leio vários jornais, não sei o nome do deputado que nos «representa», mas apenas que é do PPD. Tenho perguntado o seu nome a imensos emigrantes e ninguém o sabe. Nunca aqui veio e não temos conhecimento de qualquer intervenção sua a defender os nossos interesses.

### UM APELO

... No final da conversa, o nosso camarada declarou:

— Para acabar, queria apenas dizer que as pessoas que, como eu, que estão interessadas numa Revolução Socialista em Portugal, numa revolução que permita que nós não continuemos a ser obrigados a emigrar, uma revolução que sejam os trabalhadores a mandar nos seus próprios destinos, têm às vezes grandes problemas para acompanhar o processo de longe. Eu espero que seja mais fácil seguir o processo para os camaradas que estão lá e participam diariamente nas lutas operárias e camponesas. Mas quero fazer um apelo aos meus camaradas de classe: não se dividam, procurem unir-se contra o inimigo comum que é o patrão. Não se dividam por questões setárias e guardem a sua raiva para a luta de oposição ao patrão, ao sistema capitalista, nas fábricas e nos campos. Sobre tudo não se deixem levar pela conversa dos políticos burgueses. Quando um trabalhador actua apenas pela sua cabeça, quando reage com base na sua condição de explorado, a sua posição é sempre correcta e revolucionária.

### OS EMIGRANTES E O 25 de ABRIL

Quando lhe perguntámos qual tinha sido a reacção da generalidade dos emigrantes ao 25 de Abril, respondeu-nos:

— Há uma enorme percentagem de emigrantes em Londres que são de origem pequeno-burguesa — pequenos comerciantes a que o supermercado fechou a loja. Muitos não são de origem operária ou camponesa. Mas como trabalhadores que são, e ao contrário do que alguns pensam, não são reacçãoários. A sua reacção ao 25 de Abril foi muito favorável.

Acontece, porém, que, principalmente a partir do 28 de Setembro, a imprensa e televisão inglesas começaram uma campanha contra o processo português, sugerindo que os comunistas iam tirar tudo às pessoas, e os problemas surgiram.

Note-se que para comparar um apartamento, um casal de emigrantes tem de trabalhar os dois durante um mínimo de 10 anos e passando por sacrifícios extremos. A ameaça aos apartamentos tem por isso os seus efeitos

PORTO

# FASCISTAS EXPULSAM MORADORES POBRES

Com a vitória do golpe reaccionário do 25 de Novembro, a direita tem vindo a ameaçar sucessivamente as conquistas que os trabalhadores haviam alcançado.

Assim, e após ter já começado a verificar-se o regresso de muitos patrões, é agora a vez dos senhorios porem acções de despejo contra os ocupantes e mesmo, nalguns casos, contra famílias que habitavam as suas casas há

várias dezenas de anos.

Deste modo, as massas populares tem assistido um pouco por toda a parte ao ataque que o fascismo, apoiado e conluiado com o actual Governo, faz aos trabalhadores e moradores.

Referimos nestes textos acontecimentos ocorridos no Porto e a acção que estão a ter face a este problema algumas CRAMO de Lisboa.

## A POSIÇÃO DAS COMISSÕES DE MORADORES

«Ontem, sexta-feira, pelas 8.30 da manhã cerca de 20 policíais despejaram para a rua uma senhora idosa com os seus quatro netos que vão desde um a seis anos de idade.

Esta casa não foi ocupada. Era uma casa onde estava a viver uma família há 36 anos, com rendas pagas e tudo legalizado como exigiam as leis fascistas, que protegiam e ainda protegem os senhorios parasitas que enriquecem à custa da miséria do povo trabalhador.

Neste mesmo dia à noite, quando decorria o plenário das Comissões de Moradores nas Belas Artes, a Comissão de Moradores da Cedofeita deu conta deste caso e as Comissões presentes decidiram sair para por as crianças e a avó, que estavam a dormir ao relento, novamente dentro de casa.

Quando as Comissões chegaram ao local depararam com um forte dispositivo policial. Face a isto, partiram, à uma hora da madrugada, representantes das Comissões para a casa do senhor Governador Civil. Mas este senhor que anda a chorar lágrimas de crocodilo por todos os cantos, respondeu que não era nada com ele, que desconhecia o caso, e que o deixassem dormir. Enquanto este senhor no seu palácio dormia numa caminha fofa, as crianças dormiam ao relento frio e gelado da noite.

Hoje sábado, as Comissões de Moradores dirigiram-se de novo ao senhor Governador desta cidade. Este disse que aquilo que fizeram ontem era uma «grosseria», e que o caso das crianças a dormir ao relento era uma história. Depois disse que tinha uma solução que era levar a avó para uma estancia interna e os netos, se houvesse vagas, interná-los-ia num organato. Quando lhe fizemos ver que isso não podia ser porque iria separar uma família que estava ali unida por laços familiares! ele respondeu-nos: «não tenho nada com isso» e «isto é tudo e mais nada», recusando-se assim a dialogar mais connosco sobre este assunto.

Está o senhor Governador Civil do Porto interessado em resolver os problemas dos moradores mais explorados, ou presentemente interessa ao

sr. Governador, uma política com grandes recortes na Imprensa, preparando assim a campanha eleitoral da classe a que pertence (burguesia).

Camaradas, apelamos a todo o povo para a mobilização, contra a escalada fascista, que já se faz sentir intensamente.

**A este respeito, e sob o título «Mais uma vez o fascismo ataca os trabalhadores», o Secretariado local do PRP do Porto emitiu o seguinte comunicado:**

«Ontem, dia 18 de Fevereiro, um bando da P.S.P. executou mais uma acção de terror contra a classe trabalhadora. Mais uma vez os trabalhadores verificaram ao serviço de quem eles se encontram: da burguesia, da classe do capital.

O fascista Sousa Guedes apoiado por mais de 100 policíais desocupou 4 famílias que viviam há mais de um ano num prédio, situado na Rua do Alto, à Foz do Douro, que se encontrava há já 14 anos ao abandono. Das 16 pessoas ocupantes, mulheres grávidas e crianças, foram selvaticamente desalojadas com os seus haveres para camionetas e de seguida para o canil desta cidade. Como cães vadios, os trabalhadores encontram-se agora a «habitar» no local habitualmente utilizado para abrigo de animais abandonados.

Há já mais de um ano que o fascista Sousa Guedes tentara desalojar estas mesmas famílias a tiros de pistola. Na altura, a pronta mobilização da classe operária fez recuar a ofensiva capitalista.

Aos trabalhadores da zona da Foz do Douro e de todo este País ameaçado, este é um triste e lamentável exemplo que demonstra à classe operária a necessidade de, rapidamente, se esforçar pela máxima unidade e organização dos órgãos dos trabalhadores, soldados e marinheiros, órgãos esses capazes de defender as conquistas realizadas (outros ocupa-

Camarada, não podemos permitir que a burguesia nos continue a manter na miséria, na fome e sem direito à habitação.»

**TODOS À RUA MIGUEL BOMBARDA N.º 15, PARA APOIAR A JUSTA LUTA DO POVO, PELO DIREITO À HABITAÇÃO!**

ções, por exemplo). Esta mesma unidade e organização será de igual modo capaz de derrotar a burguesia e impor o nosso poder, o dos trabalhadores, sobre a classe exploradora e do capital. Mas, para que, definitivamente se instaure o poder dos trabalhadores, além da unidade e organização é necessário o armamento dos nossos órgãos de classe — os órgãos de poder popular capaz de pela via insurreccional o atingir.»

**NEM MAIS UMA SÓ DESOCUPAÇÃO!**

Também a comissão revolucionária de moradores de Nevogilde emitiu o seguinte comunicado:

**CAMARADAS:**

A burguesia, cada vez mais, avança para a instauração de uma ditadura sangrenta fascista.

Ontem, dia 18, os fascistas deram mais um passo, ao desalojar criminosamente 4 famílias que habitavam um prédio sito na Rua Alto de Vila, à Foz, há mais de um ano, e que se encontrava abandonado há 14 anos.

O senhorio, conhecido fascista, o Sousa Guedes, mais uma vez, comprou a PSP e com a ajuda de cerca de 200

Porto, 21/2/76

**Comité de Redacção saído da Reunião de Comissões de Moradores efectuada no local no dia 20/2/76**

**CASAS SIM! BARRACAS NÃO!  
CONTRA A VILÊNCIA DA BURGUESIA, VIOLÊNCIA ORGANIZADA DOS TRABALHADORES!  
UMA SÓ SOLUÇÃO: REVOLUÇÃO SOCIALISTA!  
UNIDOS, ORGANIZADOS E ARMADOS, A REVOLUÇÃO TRIUNFARÁ!**

Porto, 19 de Fevereiro de 1976.

**O Secretariado Local do P. R. P.**

policíais, armados com granadas de gás lacrimogénio e viseiras entraram pelo prédio dentro e aos empurrões a mulheres grávidas e a crianças, levaram os moradores para uma camioneta e daí para o canil, como se fossem cães vadios.

Esta ofensiva fascista, não surge por acaso: Ela surge numa altura em que a burguesia aumentada os produtos essenciais, congela os salários, despede milhares de trabalhadores e prende revolucionários, para assim melhor explorar os trabalhadores e destruir todas as nossas conquistas revolucionárias, como ocupações de casas, por exemplo.

**Contra o fascismo, ditadura proletária!**

**Casas ocupadas, legalização já!**

**Pelo direito à habitação!**

Porto, 19-2-76

**A Comissão Revolucionária de Moradores de Nevogilde**

**Atenção camaradas:**  
Não vamos permitir que

## FACAR

# A recuperação capitalista está em marcha

Na Facar, os patrões sabotadores que ontem desviaram milhares de contos das mãos dos trabalhadores para o estrangeiro ou para os seus bolsos, preparam-se e nalguns casos conseguem regressar de novo às fábricas de onde tinham sido justamente afastados.

E, se eles voltam, é para continuar a sua mais desenfreada exploração capitalista.

Assim aconteceu na Molaflex, assim acontece na Têxtil Manuel Gonçalves, assim se prepara para acontecer na Facar, empresa metalomecânica da Leça da Palmeira, onde os «comendadores» Carvalhos, grandes exploradores inimigos da classe dos trabalhadores, se preparam para com o apoio dos seus lacaios e operários enganados, reassumir de novo o controlo da fábrica e desenvolver a sua repressão económica-política sobre os trabalhadores. Todo o processo de luta é-nos relatado por dois operários daquela empresa.

**REVOLUÇÃO** — Como e quando foram afastados os patrões da Facar?

**1.º Operário** — No dia 15 de Maio de 74 fez-se uma paralização e nomeamos uma Comissão de Trabalhadores «ad-hoc» que elaborou um caderno reivindicativo cujos pontos principais eram: um aumento de 1.000\$00 (mil) escudos e comparticipação nos lucros, conseguimos os 1.000\$00 e começámos então a notar a existência de grandes fraudes.

**2.º Operário** — As fraudes de que começámos a ter conhecimento eram enormíssimas tais como: a malta vendida mas o dinheiro não dava entrada na caixa, indo direito para os bolsos dos patrões. Nos últimos dez dias apesar de segundo eles terem havido 126 mil contos de lucro, eles retiraram 148 mil da fábrica. Deviam à empresa 36 mil contos. Procediam à sua facturação e só em emolumentos foram 1.200 contos; compraram por cinco mil contos no Freichieiro um terreno que venderam à fábrica por 21 mil contos.

**1.º Operário** — Tudo isto, e dado que tiravam mais de 2.400 contos por mês, permitiu por exemplo ao Fernando de Carvalho ter gasto no «seu» palacete 100.000 contos em despesas como: um muro que tem cerca de 40 com uns alicerces de dois metros de fundo por dois metros de largo, tudo em betão. Ter gasto mais de 200 contos num texto que era uma obra de arte e, só porque a mulher não gostou de algum motivo, deitou-se abaixo. Construir paredes revestidas a chumbo por causa da humidade e fazer passagens subterrâneas, entre outras coisas que são autênticas afrontas à miséria. Também, o dinheiro conseguido à custa da exploração deu-lhes para doar 500 contos à Fundação Salazar quando em 1969 veio cá o Tomás que lhes valeu a comenda.

**2.º Operário** — Também chegou para comprarem para o filho do António o título de conde por dois mil contos, ao conde de Leiz. Tudo isto com dinheiro dos trabalhadores porque, se aquilo é grande e cresce não foi o patrão sentado numa cadeira

que o conseguiu mas sim os operários.

**1.º Operário** — A comissão «ad-hoc» resolveu então marcar eleições para a Comissão de Trabalhadores que defendia os interesses dos patrões que depois foi substituída por uma comissão sindical que avançou com o processo. Em Maio de 75 fizemos um plenário onde afastamos os patrões que nessa altura deviam mais de 300.000 contos à Banca que então fechou a torneira. A Banca exigiu o afastamento dos patrões abrindo crédito à Comissão Sindical.

**2.º Operário** — Foi portanto a classe operária na fábrica que pôs os Carvalhos na rua. A classe trabalhadora tem de avançar na sua organização anticapitalista e escolher o seu futuro.

**1.º Operário** — No segundo mês de gestão já não precisámos da Banca. Antes pelo contrário amortizamos. Em Agosto foi nomeada a Comissão Administrativa que em 5 meses conseguiu amortizar a dívida em 37.000 contos.

Há cerca de 950 operários dos quais 30 por cento são de origem camponesa e analfabetos e muitos deles têm medo do comunismo e, os reaccionários começaram então a levantar problemas com o papão do comunismo. Isto por volta de Setembro.

**2.º Operário** — É nessa altura que um dos filhos do patrão é assassinado pelo senhorio e o padre Alcino aproveita para fazer uma campanha anticomunista um jornal da paróquia. Simultaneamente os caciques lançam panfletos anónimos. Alguns reaccionários com o apoio de alguns populares estranhos à empresa com a ajuda dos PPD's de «coktails molotovs» meteram os patrões à força na fábrica. No entanto os patrões entraram em situação ilegal e o Estado cumpriu a lei correndo-os. Veio um indivíduo de Lisboa expulsar os Carvalhos e eles saíram.

**1.º Operário** — No dia seguinte ao assalto, há um incêndio onde não há possibilidade de curto circuito. Havia lá cerca de 6 a 12 bidões de gasóleo e um depósito com nafta. Isto

às 6 horas da manhã. O incêndio era com a intenção de acusar a Comissão Sindical dizendo que era comunista. E partir daí começaram a circular boatos dizendo que a fábrica ia fechar e aparecem sob coação abaixo assinados para o regresso dos patrões. Conseguiram 788 assinaturas mas o ministro do Trabalho disse que aquilo não era válido e que os trabalhadores deviam apresentar uma proposta segundo umas determinadas directivas.

**2.º Operário** — No entanto, cerca

de 200 trabalhadores dos mais conscientes, não concordam com a proposta. Apareceu depois a proposta dos Carvalhos, feita pelo reaccionário advogado Santos Silva, que aqui à uns meses pedia trabalho como quem pede esmola, e agora faz as exigências.

**REVOLUÇÃO** — Em resumo qual tem sido a actuação dos partidos políticos e como interpretam isto politicamente?

## GUIMARÃES

# TÊXTEL SOUSA ABREU

17 meses de autogestão destruídos pelo fogo

Esta fábrica, tinha como único dono o capitalista Abreu que durante 10 anos super-explorou 40 operários.

A média de salários em Setembro de 1974 era 1500\$00, 1700\$00. As condições de trabalho eram péssimas. O maquinismo era velho. Assim ao fim desse tempo o Abreu consegue capital suficiente para montar uma nova fábrica, completamente modernizada, em Moreira de Ceneiros.

A 11 de Setembro de 1974 o Abreu decreta falência na Sousabreu e despede os operários sem direito a indemnização, os operários ocupam a fábrica e elegem uma comissão de gestão e começam a trabalhar em autogestão. Com a solidariedade dos trabalhadores da zona organizam uma colecta para comprarem matéria-prima e impedem por diversas vezes a sua expulsão e selagem da fábrica pela Polícia e tribunal.

Face ao boicote dos antigos clientes e dos comerciantes em geral conseguem mobilizar a solidariedade de muitos trabalhadores, organizando pontos de venda desde o Porto a Évora, em comissões de trabalhadores e comissões de moradores, que foram assegurando a venda da sua produção. Aumentaram os seus próprios salários de 1500\$00, 1700\$00 para 3300\$00 salário mínimo nacional. Aumentaram a capacidade de produção da fábrica passando de 7 para 30 o número de teares em funcionamento.

Só um incêndio conseguiu interromper esta luta de há ano e meio, contra os despedimentos, as manobras e a exploração capitalista. Como foi divulgado (mal) através de poucos órgãos de Informação, no fim da semana passada, os prejuízos causados pelo fogo ultrapassa a mais de 2 500 000\$00, tendo sido inutilizadas as principais

máquinas, o que impede de momento a continuidade da laboração.

O risco coberto pelo seguro, representa uma pequena parte do montante dos prejuízos.

A luta dos operários da Sousabreu é um exemplo para a classe operária e todo o povo da luta contra a sabotagem dos patrões, contra o desemprego, a fome e a miséria a que nos arrasta o sistema capitalista.

A luta dos operários da Soubreu é uma prova inequívoca de quanto vale a força da solidariedade do povo trabalhador na luta pela sobrevivência e pelo fim da submissão. Mas essa luta necessita agora mais do que nunca, da solidariedade de todos os explorados e conta com ela, pois são os trabalhadores que libertarão os trabalhadores.

Formemos comissões de solidariedade nos bairros e nos locais de trabalho. Façamos coletas organizemos espectáculos, tentemos de todas as formas angariar fundos.

**Reconstruiremos a fábrica  
Continuaremos a luta**

Assim este comunicado as comissões de moradores de: Vitória, de S. Roque, do Campo 24 Agosto, S. Mamede Canto, Gervide, Bairro da Caixa, Igreja a Velha, Fontainhas, dos Combatentes, Arrábida, Carvalhido, de Francos, da Boavista, Cantonil de Lapa, do Leal, de Mira Gaia.

Também assinam, além da comissão de trabalhadores da Sousabreu, as comissões de moradores Bairro Maceda, Serralves, Seixo, da Presa Velha e Formiga, da Sé, Vele de Sousa, Sedefeita, S. Vítor.

Ainda a cooperativa Popular S. Roque da Lameira, Conselho de moradores do Bairro S. Tomé, Comissão central Bairro Camarários, Intercomissões moradores Matosinhos, e Centro Cultura Popular do Porto.

# Manifestação do C.L.A.R.P. PELA LIBERDADE DE OTELO E DOS REVOLUCIONÁRIOS PRESOS

Dezenas de milhares de trabalhadores saíram à rua no passado dia 20, numa jornada de luta contra a prisão dos militares antifascistas e revolucionários em Caxias e Santarém e pela sua reintegração imediata nas unidades em que se encontravam antes do golpe reaccionário de 25 de Novembro.

Esta manifestação, convocada pelo C.L.A.R.P. (Comité para a Libertação dos Antifascistas e Revolucionários Presos) teve a adesão do P.R.P., F.S.P., M.E.S., P.C.P. (r), U.D.P., além de inúmeras Comissões de Trabalhadores, Moradores, Sindicatos, Comité de Luta de Setúbal e outras organizações de base de trabalhadores. Foi sem dúvida a maior movimentação de massas desde o 25 de Novembro e foi bem a prova de que, como se gritou várias vezes «A Luta Continua!».

Durante todo o trajecto da manifestação centenas e centenas de trabalhadores e elementos de Comissões de Moradores empunharam o cartaz com a fotografia de Oteló e que exige a libertação do ex-comandante do Copcon e dos outros militares revolucionários presos nas mãos dos fascistas. Estes mesmos cartazes viriam, no final da manifestação a ser espetados na relva frontal ao Palácio de S. Bento, numa clara interpelação ao poder burgues e à polícia de choque que o defendia.

Os trabalhadores (operários, camponeses, moradores de bairros pobres) e revolucionários deixaram bem claro nesta manifestação de que **não chega** que se liberte os militares antifascistas e revolucionários principalmente quando estes ficam com residência fixa e sem possibilidade de entrarem nas unidades a que pertenciam. É **necessário** ir muito mais longe. A libertação por si só, é uma conquista popular, conseguida pela pressão que os trabalhadores organizados tem exercido sobre os órgãos de Poder, mas libertação sem haver **reintegração nas unidades** é mais uma tentativa das forças reaccionárias para iludir o problema, para tentarem acalmar a fúria popular sem terem que se vergar ao espírito do que foi a aliança Povo-M.F.A., estreita pelas acções que na prática se farão entre os trabalhadores soldados-oficiais, a partir do momento que os militares agora presos ou com residência fixa voltem a ocupar os postos que tinham antes do 25 de Novembro.

E os trabalhadores organizados unitariamente nos locais de trabalho, nos bairros, nos campos, exigem mais: exigem o **ressurgimento imediato do Copcon**, com «Soldados, Sempre Sempre ao Lado do Povo» como mostraram estar durante tantos meses. Não é por acaso, e os trabalhadores estão bem conscientes disso, que para reprimir — para acções de intimidação às massas populares, raramente são o mandados soldados. As forças de direita ago-

ra instaladas em postos de comando nas diversas unidades sabem que corriam o risco de verem os soldados que eles pretendem «disciplinados, apartidários» enfim **apolíticos** erguer o punho e gritar «Soldados Sempre, Sempre ao Lado do Povo». As forças de direita não arriscam presenciar semelhante acto de «indisciplina militar» e para isso mandam mercenários, G.N.R. (s) e P.S.P. (s) como no dia 20, junto do Palácio de S. Bento, aguardando a manifestação do C.L.A.R.P.

À chegada a S. Bento, foram várias as intervenções e mensagens. A mensagem dos presos de Santarém dizia a certa altura «Mais uma vez, o povo encontra-se na rua, protestando contra o avanço da direita, que ameaça a liberdade e a democracia e nega impunemente o socialismo. Nesta óptica é que aceitamos o movimento popular que reclama a nossa libertação» (...) «Unidos sem sectarismos deformadores dos objectivos essenciais, venceremos. A luta continua!» Na mensagem da Associação dos Familiares dos Militares Presos, que não aderiu à manifestação, dizia-se que «lutar pela libertação dos militares presos, é lutar contra o fascismo».

Durante a leitura das mensagens assim como durante toda a manifestação e durante as várias intervenções foram gritadas palavras de ordem: como: «Oteló, de Santarém para o Alto do Duque»; «O Povo não quer mercenários nos quartéis»; «Fim ao terrorismo fascista, já!».

Por sua vez um camarada do Comité de Luta de Setúbal destacou o avanço da direita a nível civil e militar, não só através dos saneamentos indiscriminados e arbitrariedades de toda a espécie como também na cobertura que o VI Governo tem dado ao retorno de patrões sabotadores às suas antigas empresas, no não reconhecimento da República Popular de Angola (na altura) entre outros. Como alternativa propôs aos trabalhadores «lutar contra o custo de vida, descongelamento



A manifestação do CLARP demonstrou que os explorados conhecem os verdadeiros reaccionários e que estão firmes na disposição de lutarem pela sua libertação e pela vitória sobre as forças capitalistas

da contratação colectiva, apoio à Reforma Agrária, e luta pela libertação dos revolucionários presos». Seguiu-se no uso da palavra um familiar dos militares ainda presos que salientou as condições em que os militares depois de soltos se encontram, «restrições piores que as feitas pela P.I.D.E.» e que perguntou «Será possível duvidar da força do povo quando desce à rua para lutar pela liberdade dos seus filhos fardados?» Finalmente um elemento do executivo do C.L.A.R.P. afirmou:

«Hoje, a oficialagem reaccionária prepara-se para impor um Exército mercenário para reprimir o povo» (...) «São postos na rua aos 30 e 40 pides por semana e no rol até já entram os mais responsáveis. Se nos descuidamos qualquer dia assistimos à libertação de Silva Pais» (...) «a prisão de Oteló e dos militares revolucionários e antifascistas tem um significado profundo — o que eles querem é prender o 25 de Abril e todas as conquistas do povo português depois daquela data». Identificou em seguida o C.L.A.R.P. como um movimento destinado não só a aglutinar todas as iniciativas das massas populares pela libertação dos militares revolucionários e antifascistas presos, como também a lutar pela reintegração desses mesmos militares nas funções que tinham antes do 25 de Novembro.

## O SIGNIFICADO POLÍTICO DA MANIFESTAÇÃO

A manifestação do dia 20 teve um profundo carácter de **intervenção** político, e foi prova evidente que os trabalhadores continuam a sair à rua com reivindicações políticas, intervindo directamente no desenrolar dos acontecimentos, fazendo exigências ao poder, apresentando alternativas de luta, perspectivas de vitória.

A manifestação do dia 20 foi o início do retorno à luta de massas, a prova de que os trabalhadores e os seus órgãos de classe não se amedrontaram com as medidas repressivas ou o grito de guerra de classe (trabalhadores) para a classe (exploradora). As dezenas de milhares de trabalhadores que saíram à rua, não reivindicavam aumentos salariais ou qualquer outra reivindicação económica. Reivindicavam, sim, o direito de intervenção nos acontecimentos e decisão sobre o 25 de Novembro e sobre a actuação dos militares presos naquela data.

## OS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO

Mais uma vez, foi bem claro de que lado se encontram a maior parte dos



Apetando o cartaz de Otelo na relva fronteiriça à escadaria do Palácio de S. Bento, as massas trabalhadoras interpelaram o poder burguês-reaccionário bem como a policia de choque que o defende



órgãos de comunicação social, fiéis defensores da burguesia nacional e internacional, traidores da luta das massas trabalhadoras em Portugal.

Dos jornais de direita, porta-vozes do P.P.D., P.S. e outros não seria de esperar uma divulgação justa desta jornada de luta.

Já o «Diário», que se diz defensor da classe trabalhadora e que perante uma movimentação de trabalhadores como foi esta com urgente necessidade de ser conhecida em todo o país dedicou um minúsculo espaço, incluindo num artigo com título que nada indicava sobre a manifestação. Que serviço foi prestado aos trabalhadores por este jornal a não ser o ter contribuído para reforçar as opiniões de direita, de que teria sido uma manifestação insignificante, e ter contribuído também para o não esclarecimento das massas trabalhadoras fora de Lisboa?

#### O QUE SE PASSOU NA LISNAVE?

Foi estranhada, a não presença em massa dos operários da Lisnave na manifestação, já que o Conselho de Trabalhadores tinha dado o seu apoio e que, se estaria a pensar num segundo 7 de Fevereiro de 75, ou quando 7000 operários da Lisnave marcharam

sobre Lisboa desafiando o poder burguês, fazendo as suas exigências.

Na Lisnave, cedo começaram a circular boatos de que a manifestação estaria proibida, de que seria um aventureirismo marchar sobre Lisboa em massa, de que a manifestação seria um fracasso. No próprio dia da manifestação, os operários reuniram em plenário para decidir da sua vinda ou não, altura em que se enveredou pela discussão partidária, sectária, sem frutos nenhuns a não ser a completa desmobilização que veio a acontecer tendo vindo para Lisboa somente umas escassas centenas de trabalhadores. Cabe aqui perguntar: quem está empenhado, na Lisnave, em desmobilizar a classe operária para jornadas de luta tão importantes como esta? Quem está empenhado em criar o divisionismo ao mesmo tempo que apela para a unidade? Quem faz objectivamente o jogo das forças de direita, interessadas na divisão da classe operária?

Mais uma vez, fica bem patente que os trabalhadores tem de se unir sob um espírito de classe, e lutar por um objectivo comum: a tomada do poder, sob o risco de que, ou essa união e organização luta contra o tempo e contra os divisionistas podendo ser a grande alternativa de classe neste país, ou rapidamente se consolidarão todas as condições para a reintegração de um regime fascista. (Vide o comunicado da célula do P.R.P.).

## Lisnave na manif. do C.L.A.R.P.

# PORQUÊ A DESMOBILIZAÇÃO DOS TRABALHADORES

Através da maior manifestação realizada depois do 25 de Novembro, a classe trabalhadora da área da grande Lisboa, mostrou em 20/2/76 a sua firme determinação em ver soltos os militares e civis revolucionários presos pelos sociais-democratas e seus aliados de circunstância de direita e extrema direita.

Perante a escalada reaccionária das forças fascizantes a nível político e militar e dos órgãos de informação, a situação actual exige a rápida mobilização popular em torno das conquistas realizadas durante o período que se iniciou em 25 de Abril de 1974.

É significativo o facto de, representantes do grupo dos nove se mostrarem, abertamente ou não, preocupados com o avanço da direita e de verem presos camaradas que com alguns deles fizeram o 25 de Abril.

A jornada de 20/2/76 era e foi, um marco importante na luta contra a reacção, pela reorganização dos trabalhadores para objectivos concretos e justos.

Assim não o entenderam porém, os partidos políticos que a troca de lugares nos ministérios jogam com os trabalhadores nas suas manobras partidárias de grbinete.

Uma vez mais os camaradas filiados e simpatizantes do P.C.P. foram atraídoos pelas decisões das cúpulas do seu partido, que lhes apresentaram esta manifestação como se ela fosse incorrecta e não defendesse objectivos justos.

Uma vez mais os camaradas filiados e simpatizantes do P.C.P. serviram de juguete. Primeiro, através da convocação para o mesmo dia e hora em local diferente, de um comício-manifestação, depois procurando desmobi-

lizar os trabalhadores nas empresas, tudo foi tentado, para que esta manifestação de 20/2/76 se não realizasse ou que fosse um fracasso.

Porquê esta atitude dos dirigentes do P.C.P.?

Têm medo das massas populares, venderam-se em troca de lugares no Conselho de Ministros e nas Secretarias dos Ministérios. A sua política é agora de forma evidente a de servir de tampão à luta dos trabalhadores para que elas não rebentem.

O papel de partido «responsável», o seu compromisso histórico, fazem deste partido e de forma irremediável, o baluarte dos interesses que não são os da classe operária em particular e dos trabalhadores em geral. Estão hipotecados aos compromissos entre as grandes superpotências.

O que se passou na Lisnave na A.G.T., é prova evidente para todos os que sem sectarismo interpretem a actuação de alguns dos controladores manifestos do P.C.P., de que estes procuraram ultrapassar as decisões da própria A.G.T., depois desta ter aprovado a participação na manifestação, e fazer cumprir as ordens recebidas dos seus superiores partidários.

Face ao divisionismo oportunista dos interesses partidários, coloquemos os nossos próprios interesses de classe.

Estas maneiras não servem de modo algum a unidade da classe, devemos combatê-las firmemente venham elas de onde vierem.

**MORTE AO FASCISMO!  
PELA UNIDADE DAS MASSAS  
TRABALHADORAS!  
PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA!  
A CÉLULA DO P.R.P. DA LISNAVE**

## CAMPONESES DO ALENTEJO

Foram vários os camaradas que nos chamaram a atenção para o conteúdo pouco rigoroso da expressão «camponeses do Alentejo», surgida no último número do «Revolução» como antetítulo do texto «Vimieiro — um exemplo de organização».

Com efeito, e o PRP tem-no dito frequentemente, existem no Alentejo muito poucos camponeses — o que existem fundamentalmente são proletários rurais, como é o caso da esmagadora maioria dos trabalhadores a que se refere o texto.

Embora a expressão «camponês», no sentido empírico e coloquial em que é usada no dia-a-dia, designe indistintamente todos os trabalhadores rurais, a verdade é que a análise marxista das classes e camadas sociais supõe uma rigorosa utilização dos termos.

# SOBRE O PAPEL DA TECNOCRACIA

No penúltimo número do *Revolução*, sob o título *O papel dos tecnocratas*, publicámos um artigo em que se manifestava o desejo do aprofundamento de um **debate teórico** sobre a **origem e papel histórico** da tecnocracia.

Dado que no referido artigo se aborda essencialmente a importância dos tecnocratas nos anos posteriores à Revolução de 1917, referir-nos-emos também a esse período histórico bem como, de um modo mais geral, ao papel desempenhado pelos técnicos numa sociedade que se encontre em transição para o socialismo, encarado como modo de produção dominante. Também abordaremos a fuga dos técnicos ocorrida desde há um ano em Portugal.

Não é nossa intenção respondermos pormenorizadamente ao artigo em questão, mas tão somente adiantarmos alguns dados que possam servir de alicerce para a estruturação de um juízo sobre este tão importante tema.

Assim e após referir o completo afastamento dos proprietários dos meios de produção relativamente ao processo de produção, afirma o dito artigo que o vazio criado por esta separação é preenchido pela tecnocracia. Marz dizia a este propósito que o trabalho de supervisão é necessário em todos os modos de produção que repousam sobre a oposição entre o operário enquanto produtor directo e o proprietário dos meios de produção. Quanto maior essa oposição, mais importante é o papel que desempenha o trabalho de supervisão que, em consequência, alcança o auge no sistema escravagista (1).

Por outro lado, é um facto incontestável que a União Soviética, nos anos que se seguiram à Revolução de 1917, teve não apenas que renunciar à existência de um modo de produção predominantemente socialista, como mesmo, em determinados casos, reforçar o capitalismo de Estado, o que, de resto, é reconhecido por Lenine quando afirma que o desenvolvimento do capitalismo, controlado e regulamentado pelo Estado proletário (quer dizer, do capitalismo de Estado, tomado nesse sentido) é vantajoso e indispensável (num certo sentido, bem entendido) num país de pequenos camponeses, arruinado e extremamente atrasado (2).

Com efeito, as dificuldades económicas resultantes da guerra de 1914-18, e do posterior bloqueio imperialista à União Soviética obrigaram o partido bolchevique a por em prática uma Nova Política Económica (NEP), com a qual se pretendia fundamentalmente resolver os problemas que surgiam a partir das difíceis relações cidade-campo; de acordo com a NEP os especialistas burgueses assumiam um importante papel na reconstrução da economia, além de auferirem ordenados altos.

Os camponeses, por seu lado, tinham direito a vender no mercado qualquer mercadoria que excedesse o limiar fixado pelo Estado.

Lenine tem, então, perfeita consciência dos problemas enfrentados pela economia do jovem Estado Soviético: no discurso proferido no I Congresso da Economia Nacional da Rússia, afirma: (3)

**Devemos construir o socialismo apoiando-nos em elementos que lhe são hostis. Quanto mais o capital cresce em importância, mais se acentua o jugo da burguesia e o esmagamento dos operários. Logo que o poder se encontra, como é o caso, nas mãos do proletariado e dos camponeses, pobres e que ele subscrive as tarefas que tem o apoio destas massas, é forçoso que realizemos as reformas socialistas com a ajuda de especialistas burgueses, os quais foram educados na sociedade burguesa, não conheceram outro meio e não podem imaginar outro quadro social.**

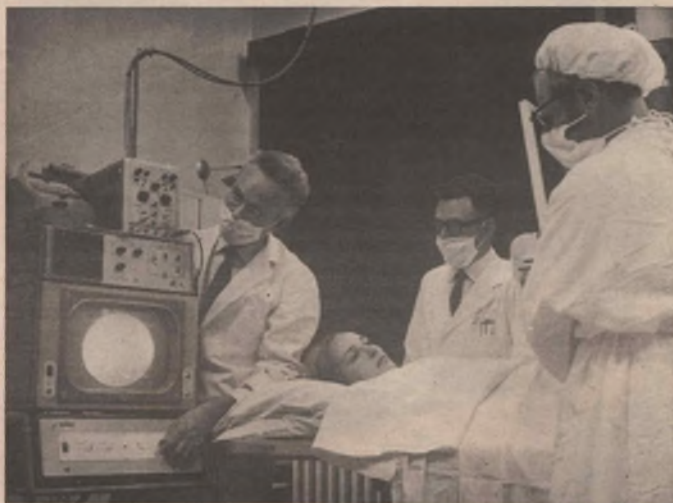
**Assim, mesmo quando estas pessoas são absolutamente sinceras e devotadas à sua tarefa, mesmo neste caso elas estão impregnadas de milhares de preconceitos burgueses e estão ligados por milhares de fios imprecipitáveis para eles mesmos à sociedade burguesa agonizante, em decomposição, e que opõe por esta razão uma furiosa resistência.**

Não se podem dissimular estas dificuldades que são um obstáculo à realização da nossa tarefa. Quando recordo os socialistas que escreveram sobre este assunto, não me lembro de nenhuma obra nem de qualquer opinião de socialistas eminentes sobre a futura sociedade socialista em que se menciona a dificuldade táctica concreta que deverá defrontar a classe operária uma vez tomado o poder logo que se proponha transformar o imenso somatório de cultura, de conhecimentos e de técnicas acumuladas pelo capitalismo, (e que nos são historicamente necessárias) em instrumento do socialismo. (...)

Se neste domínio fazemos experiências e rectificamos sucessivamente erros parciais, isso é inevitável porque não se consegue em tal domínio da economia transformar de uma só vez os especialistas, velhos servidores do capitalista, em servidores e conselheiros das massas trabalhadoras.

Por outro lado, em *As Tarefas Imediatas do Poder Soviético* (4), Lenine afirma:

**Sem a direcção dos especialistas dos diversos domínios do conhecimento, da técnica e da experiência, a transição para o socialismo é impossível, pois o socialismo requer uma progres-**



são consciente e maciça para uma produtividade do trabalho superior à existente no capitalismo, e sobre a base dos resultados atingidos por este.

Esta ideia era, na realidade, um ponto assente para Lenine, como o confirma o seguinte texto escrito em Fevereiro de 1921 (5):

**Os comunistas devem ter presente que um engenheiro, um agrónomo, um silvicultor, etc., virá para o comunismo de um modo diferente de um militante clandestino ou de um escritor, isto é, virá para o comunismo pela sua própria via.**

O comunista que não deu mostras de capacidade em coordenar e dirigir modestamente o trabalho dos especialistas, aprofundando a questão e estudando-a de um modo detalhado, torna-se frequentemente prejudicial. Temos grande quantidade destas pessoas e eu trocava várias dúzias delas por um só especialista burgues competente, que estuda conscientemente a sua tarefa.

Com efeito um especialista científico e técnico, mesmo que burgues, é-nos dez vezes mais precioso, desde que conheça a sua tarefa, que um comunista presunçoso.

## A FUGA DOS TÉCNICOS EM PORTUGAL

Pensamos que as citações de Lenine são mais do que suficientes para ilustrar o modo, como, bem ou mal, o Estado soviético decidiu resolver os problemas económicos que enfrentava.

Se é verdade que a solução ensaiada do modo acima descrito está na base da criação, isto é, manutenção de uma camada social privilegiada na U. R. S. S., não é menos verdade que interessa sobremaneira ter em atenção o que foi, desde há cerca

de um ano, a fuga de técnicos (engenheiros, médicos, economistas, etc.) de Portugal para outros países capitalistas, principalmente o Brasil, Estados Unidos, Espanha, e Inglaterra.

É sabido que, após o 11 de Março, muitos foram os técnicos burgueses que abandonaram o país, na medida em que julgavam que **avanço comunista** lhes retiraria os seus privilégios (altos ordenados, casas de campo, etc.).

De facto, o avanço das massas populares não se compadecia com a existência de senhores doutores ou engenheiros a auferirem dezenas de contos por mes, e o próprio IV Governo Provisório chegou a ter uma lei em que se limitava o salário máximo das chamadas **profissões liberais**.

Por ironia da história, foi Álvaro Cunhal quem mais firmemente se opôs a que esse decreto entrasse em vigor, na medida em que se teria a **perca para a Revolução** dessa camada social. Simplesmente, o que acontecia é que, apavorados pela instabilidade social existente, e pelos golpes que as massas trabalhadoras davam na burguesia, os técnicos portugueses fugiam em debandada do país, pois julgavam eminente uma ditadura comunista (leia-se do P. C. P.).

A bem dizer, os técnicos identificaram **comunismo** com a prática arrogante e autoritária do P. C. P. (Partido que detinha então a hegemonia do poder político) e ninguém era capaz de lhes explicar o papel que desempenham os técnicos na tão ex-fálada **transição para o socialismo**.

Não queremos com isto defender posições segundo as quais a **ciência é neutra** nem dizer que muitos dos técnicos que abandonaram o país não eram refinados fascistas completamente irrecuperáveis. Eram-no, sem

OTELO:

# "Para a direita era indispensável reprimir a Luta de Classes"

O 25 DE NOVEMBRO

Em relação ao 25 de Novembro, Otelo afirma que ele foi o produto de uma coligação da «direita militar e esquerda moderada» para conter o avanço das lutas e conquistas dos trabalhadores que ameaçavam ir até à criação «de um verdadeiro socialismo de base».

Na verdade as semanas que precederam o 25 de Novembro foram semanas que fizeram tremar a burguesia. É a greve da construção civil com o cerco de S. Bento. São os tribunais populares de ocupantes.

É a suspensão das actividades do VI Governo. O poder caía de podridão e incapacidade. O PS e o PPD tinham-se revelado como forças de direita inimigas frontais da classe operária. O PCP perante a situação criada tentava manobrar, conseguir formas de pressão para conquistar mais ministérios e conselheiros.

Entretanto os trabalhadores avançavam e avançava a organização revolucionária dos soldados e oficiais.

Em 20 de Novembro é lido na manifestação do Secretariado da Cintura Industrial de Lisboa, em Belém um Manifesto dos oficiais revolucionários.

«Aqui em Portugal, a luta de classes foi muito intensa em Novembro. Para a direita era indispensável reprimir a luta de classes do proletariado. O que se preparou, sob um pequeno pretexto da esquerda militar, foi um golpe de Estado de direita. Para nós, tratava-se de preparar as massas para essa eventualidade. O 25 de Novembro iniciou-se sob o signo de uma coligação da direita militar e da esquerda moderada.»

Para Otelo, a direita militar apenas precisava de um pretexto para desencadear o golpe. Esse pretexto foram as acções dos «páras». O comando do golpe, formado pelos conhecidos fascistas Jaime Neves e Firmino Miguel, por Ramalho Eanes e Garcia dos Santos estava na Amadora com os «homens do Jaime Neves» prontos para

desencadear a ofensiva com capa de defensiva.

«Às quatro e meia chego ao Palácio de Belém. Tenho uma conversa com Costa Gomes sobre a questão: como reter os páraquedistas de Tancos. Mas precisamente quando cheguei a Belém, os comandos saíram da Amadora. A ofensiva começava.

Quanto às tropas do COPCON limitaram-se a defender as suas posições; o RALIS, por exemplo tinha posto em funcionamento o seu dispositivo de alerta (como no 11 de Março)».

Em relação à posição de Costa Gomes, Otelo diz «O presidente Costa Gomes estava fora de tudo isto. Incidiu-se perante eles, aderindo à situação».

Importante para a compreensão de muitas coisas (porque não houve coordenação nas acções da esquerda? Porque as mobilizações de trabalhadores foram boicotadas pelo PC? etc, etc.) é o papel de Costa Martins.

«...Costa Gomes acrescentava que tinha pedido a Costa Martins para falar aos páraquedistas, assegurando-lhes que poderiam voltar a Tancos. E amanhã — acrescentava — irei a Tancos falar com eles e fazer-lhes propostas».

E o entrevistador pergunta.

«A hipótese do Presidente Costa Gomes parece ser, nesse momento, a de fazer passar a base-escola de Tancos para o comando do COPCON, o qual obterá desse modo, uma forma de combate acrescida de dois mil homens?»

Otelo responde:

«Infelizmente Costa Martins não falou aos páraquedistas (...) Foi só cerca das nove horas da noite que Costa Martins veio a Belém para anunciar que era possível que os páraquedistas voltassem para Tancos. Mas nessa altura, os comandos da Amadora já tinham ocupado a base da primeira região aérea de Monsanto. (...)»

Deixou assim (Costa Martins) a direita militar tomar a iniciativa do golpe. Isto quando teve a possibilidade de fazer a esquerda ganhar, em condições pacíficas».

No princípio do mês de Janeiro (ainda antes de ser preso) Otelo, informalmente, prestou declarações a alguns elementos do Comité Russell. Estas declarações foram inicialmente publicadas em França e apareceram agora num vespertino lisboeta.

Apesar de o advogado de Otelo afirmar que não se tratou de qualquer espécie de entrevista, a verdade é que a respectiva veracidade não foi posta em causa.

A importância e a correcta perspectiva em que são feitas estas declarações — que muito ajudam para a compreensão do 25 de Novembro — fazem com que nos debrucemos sobre elas.

**MELO ANTUNES,  
A «ESQUERDA MODERADA»  
É AGORA ALVO DA DIREITA  
A QUE SE ALIOU**

O documento dos «nove» foi a alternativa social-democrata (esquerda moderada) na opinião de Otelo) que a direita aproveitou para travar o avanço dos trabalhadores. Depois do 25 de Novembro, a direita tem uma força a nível de poder que lhe permite romper com os seus ex-aliados sociais-democratas e atacá-los agora também a eles como esquerdistas. Melo Antunes é agora um alvo da direita que fez ascender.

«A esquerda moderada (Melo Antunes, Vasco Lourenço, Pezarat Correia) é agora vítima de ataques singulares da parte daqueles que tinham formado juntamente com ela a Frente Militar Única. Sobretudo da parte do major Aventino Teixeira, cuja linguagem está muito próxima da do MRPP, que está muito ligado a Arnaldo Matos, e que é agora consultor político do Estado Maior. Nesses círculos, percebem-se os esforços para tirar o poder à esquerda moderada, ao denunciar Melo Antunes como o «papa político» ou «conciliador». Esses esforços juntam-se ao ressurgimento da direita spinolista. Os homens ligados ao 11 de Março de 1975 voltam a aparecer e Spínola prepara o seu regresso: dá uma entrevista ao «Comércio do Porto» o jornal mais fascista de Portugal».

Otelo afirma que os «nove», os sociais-democratas de esquerda tem a percepção do perigo que eles próprios correm.

«Em Agosto de 1975, Melo Antunes e Vasco Lourenço diziam-me que — dado o avanço da direita, era preciso que eu fosse candidato à Presidência ou Chefe de Estado Maior das Forças Armadas».

Isto é a amostra evidente das contradições de que o poder se tem revestido! Melo Antunes e o seu projecto foram efectivamente a grande saída que a direita, a nível político e militar, encontrou para se organizar contra os trabalhadores e os militares revolucionários. E é o mesmo Melo Antunes que ainda em Agosto, acabado de sair

o seu projecto e quando se apercebeu da sua recuperação pela direita, que afirma ser preciso Otelo num órgão supremo do poder!!!

**«PERDEMOS A BATALHA  
POLÍTICA  
SEM A TERMOS TRAVADO»**

«E agora há um tempo de espera pois, perdemos esta batalha política sem a termos verdadeiramente travado. Mas o clima de imensa liberdade, a possibilidade para as massas populares de conhecerem a explosão da liberdade, sem que jamais interviesse a repressão das forças militares (nem a repressão da GNR, que receava demasiado o COPCON para ter a ousadia de atirar contra a multidão), isso desapareceu, agora. Foi a possibilidade de criar um verdadeiro socialismo de base.

Perante isto, a vontade de repressão da burguesia é uma coisa terrível».

**SOBRE  
O 25 DE ABRIL**

Em relação às contradições de que se revestiu o 25 de Abril, Otelo tem perfeita consciência delas.

Golpe feito para derrubar o fascismo e por fim à guerra colonial, não tinha claras as perspectivas dos seus autores. Nós sabemos que foram os trabalhadores que fizeram, com as suas lutas, avançar o processo e clarificar muitas coisas. Foram os trabalhadores que fizeram por o problema do socialismo.

«Mas o nosso primeiro grande erro foi criar a Junta de Salvação Nacional. Com generais e almirantes como Spínola, Galvão de Melo, etc. Um amigo censurou-me, então, e dizia-me: porque fizeste a revolução, para dar, depois o poder a homens que nem são democratas, como seja Spínola? Mas os nomes conhecidos eram Spínola, Costa Gomes. Quem conhecia Vasco Lourenço, Melo Antunes, Otelo de Carvalho?»

# O QUE É E A QUEM S A DESVALORIZAÇÃO DO

Uma das notícias que, a nível económico, mais tem sido ventilada nos últimos tempos liga-se com a possibilidade de o VI Governo, por intermédio do Ministério das Finanças, desvalorizar o escudo.

Esta medida de política económica do Governo social-democrata surge em órgãos de comunicação ligados à direita e é anunciada em termos carregados de intenção política.

Mal surgem, no entanto, estas notícias logo o Governo, por intermédio do Ministério das Finanças ou do Banco de Portugal, reage clamando que não senhor! Que não tem o Governo intenção de desvalorizar o escudo! Que de tal não há necessidade! etc.

Esta «esgrima» de notícias e desmentidos já aconteceu em três ocasiões distintas (a última há pouco mais de duas semanas) deixando de cados a direita e é anunciada em termos carregados de intenção política.

Politicamente pode perguntar-se: porque é que são normalmente sectores à direita do P. S. (nomeadamente, próximos ao C. D. S.) que levantam esta questão? Que utilização política pretendem fazer dela? Porque é que o VI Governo, mais precisamente o

## O QUE É UMA DESVALORIZAÇÃO

Antes de procurarmos abordar estas questões será de certo conveniente avançar o significado técnico de uma desvalorização. As moedas dos diversos países têm um certo valor relativo ou, o mesmo é dizer, tem um certo preço, umas em termos das outras. O preço do escudo em termos do dólar é de 27\$00 para cada dólar, o do escudo em termos do marco alemão, é de 10\$00 para cada marco, o do escudo em termos do franco francês é de cerca de 6\$00 para cada franco, em preço, entre as diversas moedas, sendo através desse preço (chamado taxa de câmbio) que se regularizam as transacções entre os diversos países. Assim, se Portugal tem de pagar à Alemanha, 100 mil marcos por um empréstimo que este país, lhe concedeu, se lhe entregasse escudos teria de dar 100 mil marcos vezes 10\$00 (preço em escudos de cada marco), ou seja, uma quantia igual a escudos 1 000 000\$00.

Se, no entanto, antes do pagamento o escudo se desvalorizasse em 10 por cento em relação ao marco, esta moeda passaria não a 10\$00, como dantes, mas sim cada marco passaria a valer



do para o marco poderia estender-se a todas as outras moedas, o que equivale a uma perda de «valor» do escudo face a todas as moedas com que é habitualmente trocado. Este raciocínio será aliás, facilmente compreendido se pensarmos, não em termos de duas moedas, mas em termos de qualquer bem que habitualmente compramos. Se num determinado momento o preço do kg de batatas passa de 7\$00 para 12\$00 isso significa que a moeda se desvalorizou face às batatas. É agora preciso **mais moeda** para comprarmos as **mesmas batatas**, tal como acontecia quando em vez de batatas tínhamos os marcos).

O anúncio de uma possível desvalorização do escudo tem de ser entendido no contexto dos esforços que os sectores mais retrógrados da burguesia estão a fazer para abrir caminho ao retorno de uma situação política que asfixie e reprima as classes trabalhadoras. De facto, uma das armas que ela está a utilizar é o cultivo, junto de certos extractos da pequena e média burguesia, de uma certa nostalgia dos «tranquilos» tempos do «antigo regime», primeiro e importante passo com que os procura «preparar» para formas cada vez mais repressivas do exercício do poder político.

lismo português: saldou-se pelo subdesenvolvimento, pelo desemprego, pelos baixos salários e pela emigração. O que se pretende pôr em evidência é que a burguesia mais reaccionária ao enunciar a eminência da desvalorização do escudo está, de facto, a procurar pôr em destaque a incapacidade do Governo social-democrata em estabilizar a economia e, mas entrelinhas, a lembrar que, em contrapartida, Salazar nunca precisou de lançar mão desta medida que enfraquecerá o escudo.

É também neste contexto que devem entender-se os desmentidos de Salgado Zenha (P.S.), ministro das Finanças. Em vésperas de eleições não interessa ao P. S. poder vir a ser acusado de quebrar a «tradicional» estabilidade do escudo, que, repete-se, permanece como um dos símbolos da política económica fascista.

Depois do que acabou de ser dito permanece em aberto o que é decerto um dos aspectos mais decisivos desta questão. — Quer ou não quer o VI Governo desvalorizar e se quer o que é que isso significa economicamente. A resposta é, sem sombra de dúvida, afirmativa. A social-democracia interessa desvalorizar o escudo e apesar dos desmentidos já o está mesmo a fazer embora de uma forma suave.

Depois do 25 de Abril as classes trabalhadoras conseguiram salários mais elevados o que lhes permitiu aumentar o consumo de muitos bens essenciais. Estes aumentos salariais fizeram diminuir os lucros antes auferidos pelo capital e destruíram a anterior base de acumulação de capital. A revitalização do capitalismo passa, e a social-democracia sabe-o, pela reposição de condições de lucro para o capital, pois só assim é que a burguesia voltará a investir.

A burguesia tem necessidade de retirar aos trabalhadores uma parte do rendimento que estes actualmente recebem para o destinar ao investimen-



## A ESTABILIDADE EXTERNA DO ESCUDO

A burguesia fascista sabe bem que durante 50 anos os ouvidos das populações foram martelados com a «glória» máxima da política económica salazarista — a manutenção da estabilidade externa do escudo. O regime fascista ao criar condições favoráveis ao enriquecimento da burguesia manteve inalterado o valor do escudo. Não cabe, no âmbito deste artigo, aprofundar este ponto, mas não pode deixar de se avançar que o resultado desta política foi desastroso para o próprio desenvolvimento do capita-

Ministério das Finanças como o dr. Salgado Zenha (P. S.) vêm imediatamente a público rebater tal notícia?

De um ponto de vista económico as intervenções são igualmente importantes; O que significa economicamente a desvalorização do escudo se ela se vier a dar? Quem são as classes que lucrarão com tal desvalorização? Terá uma desvalorização do escudo algum efeito sobre o nível de vida das classes trabalhadores?

11\$00. Os 100 000 marcos passariam a valer não 1 milhão de escudos como dantes mas 100 000 marcos vezes 1\$00 igual 1.000.000\$00 (1 milhão e cem mil escudos).

Vemos, deste modo, que anunciar uma desvalorização do escudo face ao marco é o mesmo que afirmar que cada marco passará a «valer» mais escudos. Torna-se evidente que se se tratar de uma «desvalorização geral» do escudo o que acabou de ser afirma-

# ERVE ESCUDO

Continuação da pág. 12

to, pois a alternativa seria diminuir a remuneração do capital o que é incompatível com os seus interesses. Incapaz de diminuir directamente os salários a burguesia procura fazer diminuir o chamado rendimento real das classes que vendem força de trabalho, tornando mais caros os preços dos bens e serviços que os trabalhadores consomem.

Se um operário ganha por dia 200\$00 e com este dinheiro consegue hoje comprar 2 kg de carne e se amanhã o preço da carne passar para 150\$00/kg o operário apesar de continuar a ganhar os mesmos 200\$00 só poderá comprar 1,5 kg. Se o que acontecer com a carne acontecer com outros bens que compra habitualmente, o operário vê que apesar de continuar a ganhar o mesmo salário o seu rendimento real diminuiu, pois ele agora não consegue comprar tantos produtos como dantes (subiu o «custo de vida» dos operários).

## AUMENTAR OS PREÇOS

Ao conseguir aumentar os preços dos bens que os trabalhadores consomem a burguesia procura, pois, que estes ao consumir menos deixem mais de lado para ser investido. Como, por outra lado, a economia portuguesa tem de importar grande parte dos bens essenciais que se consomem, quanto mais elevados forem os preços desses bens, menores terão de ser as importações e consequentemente, para mais tempo durarão as reservas em divisas do Banco de Portugal. É aqui que surge a desvalorização como um meio através do qual a burguesia pretende penalizar os trabalhadores. Para o compreendermos de modo claro, podemos lançar mão de mais um exemplo. Quando o Governo decide importar cem Toneladas de carne da Argentina e se cada Tonelada for comprada a 1000 dólares (preços fictícios)

esta compra obriga à entrega de 100.000 dólares a este país. Se cada dólar valer por exemplo, 28\$00, isso equivale a dizer que as 100 toneladas de carne custarão ao Governo português o equivalente a 100.000 dólares vezes 28\$00, ou seja, 2.800.000\$00. Estas 100 toneladas de carne teriam, assim o preço de 2.800.000\$00 ou, o mesmo é dizer que cada quilo de carne custaria 28\$00. Se, entretanto, o escudo se tivesse desvalorizado, passando, por exemplo, cada dólar, a valer não 28\$00 mas sim 35\$00, o que é que aconteceria? Os 100.000 dólares que o Governo teria que entregar à Argentina, passariam a valer não os 2.800.000\$00 mas sim 3.500.000\$00 (1.000.000 de dólares vezes 35\$00 igual a 3.500.000\$00). As 100 toneladas de carne passariam a custar ao Governo o equivalente a 3.500.000\$00 ou seja, cada quilo de carne passaria a custar não 28\$00 mas sim 38\$00.

Assim, torna-se claro que com a desvalorização do escudo, a burguesia pretende penalizar as classes trabalhadoras. Ao passar a comprar mais caro os bens de consumo ao exterior, está a criar condições para que estes passem a ter preços internos mais elevados, diminuindo o consumo, (o nível de vida) dos trabalhadores.

Torna-se evidente que em contrapartida, as exportações portuguesas passariam a custar menos ao estrangeiro, que teria de entregar menos moeda pelas mesmas quantidades de produtos. Dado, no entanto, a natureza das nossas exportações — é fácil provar que pouco adiantaria para o aumento da produção interna e reactivação da actividade económica.

O objectivo que o Governo pretende atingir com a desvalorização é, pois atingir as importações e dentro destas, tornar mais caro os bens mais consumidos pelas classes trabalhadoras. A estes compete desmascarar estas medidas e impedir a sua concretização.



São os trabalhadores, devido ao seu baixo salário, quem mais sente o aumento do custo de vida

# ARMAS DO GOVERNO ARMAS DA REACÇÃO

Moura Vicente, secretário da Indústria ligeira e afecto ao C. D. S., ou antes, independente de direita, resolveu conhecer os problemas ligados ao seu sector.

Como tal esteve na sexta-feira passada na Câmara do Comércio Inglês em Matosinhos, onde teve uma troca de ideias, com os pluralistas e democratas dos empresários da C. I. P. que ainda há pouco correram Artur Portela Filho da redacção do Jornal Novo por ser «socialista».

Nessa reunião um administrador da RIPEL além de pedir o regresso do fascista Caetano, apoiou as ideias dos secretários do Comércio Externo e da Indústria, só que acha que eles se esqueceram de um pequeno promenor

— a necessidade de haver repressão sobre os trabalhadores, para, então sim, os empresários actuarem à vontade. Foi também discutido o problema da «subdesenvolvida» indústria portuguesa que não podendo competir com as empresas estrangeiras terá de lançar para o desemprego mais de 50 000 trabalhadores.

Enfim, na Itália também há muitos desempregados, alegou um condescendente patrão.

O negociante do regresso dos Carvalhos à FACAR, também fez parte da agenda de trabalhos.

Enquanto isto, qual a posição dos trabalhadores portugueses? Continuam a acreditar no «socialismo» do Pinheiro Bardamerda de Azevedo ou lutarem pela Revolução Socialista?

## BARREIRO ESCOLA DE FUZILEIROS NAVAIS DE VALE DE ZEBRE

A Escola de Fuzileiros Navais, situada a cerca de 5 km do Barreiro, foi, no tempo do fascismo, o local onde se formaram as tropas especiais que assumiram papel particularmente importante na defesa do colonialismo na Guiné-Bissau, dado que essa ex-colónia possui características invulgares, pela imensidade de cursos de água que atravessam o seu território.

Situada junto do rio Coia que oferece todas as possibilidades de treino, a Escola de Fuzileiros constitui em casos adversos do processo revolucionário uma força possível de repressão, junto à grande concentração operária que existe na zona do Barreiro.

Embora a Marinha tenha, segundo dizem, tradições democráticas, não implica que homens como Alpoim Galvão não pertencessem aos seus quadros.

Após o 25 de Abril de 74, os reformistas apostaram nos fuzileiros, e tiveram contactos com diversos graduados da unidade. Os fuzileiros eram na opinião reformista, a armada do Barreiro. Porém a realidade era outra. Havia de facto homens que dada a sua posição progressista, participaram e ajudaram os trabalhadores nas suas organizações em fases até importantes do processo, mas tinham com eles uma grave contradição, ou seja eram hesitantes, como o 25 de Novembro veio demonstrar. Foi essa a sua posição constante.

Por outro lado, o progressismo não passava de poucos oficiais, e os praças, que deveriam ser o motor da

luta de classes dentro da unidade foram deixadas a um abandono quase total.

Os S.U.V. foram a excepção, pois através dessa sigla os revolucionários tiveram a possibilidade de contactos com as praças e avançar na organização capaz de tirar a classe do imobilismo em que se encontrava e superar até as organizações cupulistas e reformistas de praças que existam até então na Marinha.

O 25 de Novembro, no entanto, destruiu tudo o que se tinha conseguido até esse momento. Hoje, os poucos avanços conquistados dentro da unidade não existem.

As próprias organizações reformistas deixaram a cena.

Esses mesmos oficiais que se puseram ao lado dos trabalhadores sofrem as consequências e, neste momento, são os próprios fuzileiros a ex-defesa arruada do Barreiro, a participar nas buscas às organizações populares ao lado das forças repressivas da P.S.P. e da G.N.R.

O folclore terminou. Os fuzileiros estão devidamente colocados no lugar para que foram criados, a defesa da burguesia e do capital.

Aqueles em quem os trabalhadores do Barreiro erradamente olhavam como seus defensores, estão aptos, dentro de pouco tempo, a serem os seus opressores.

Segundo consta, existem dentro da unidade, bastantes saudosistas de Aploim Calvão...

# ACTUAÇÃO DAS "BRIGADAS BREJNEV"

Desde que ficou em «aberto» a parte de discussão para esclarecimento e, até ao momento em que decidi abandonar a sala (Bonecreiros), não cheguei a perceber (e juntamente outras pessoas) se o que se passava na sala era a posição do PRP face ao momento político actual (o seu esclarecimento) se era uma sessão de «obscurantismo» promovida pelo PCP.

Pareceu-me a certa altura que o que ocorria não era mais que um duelo partidário em que se voltavam a opor mais uma vez (os Golias e os Davids) os lutadores do «marxismo».

No entanto, uma coisa me foi evidente, o que se passou em vitórias claras para o «pequeno David». Foi com estupefacção que se assistiu às perguntas-afirmações feitas pelas «Brigadas Brejnev» que para incredulidade dos camaradas presentes ocorreu em massa (à sede de Moscavide) à sessão de esclarecimento. Será que os militantes do PCP precisarão de se esclarecer em sessões-debate promovidas pelo PRP?

Não me parece, uma vez que as perguntas formuladas foram sempre as «respostas» emanadas pela CC do

partido e distribuídas pelos respectivas «sedes» para que os militantes estejam sempre em dia.

A sessão atingiu o seu ponto «alto» quando num extase de paranoia-obsessivo-colectiva, os «vanguardistas» da classe operária corroboravam com aplausos, os pontos de vista expressos pelos militantes do partido e que são já subejamente conhecidos por todos.

Será que os militantes do PC quando recebem os comunicados do CC com as posições assumidas pelo partido face aos acontecimentos, se reúnem em «volta» do documento e irrompem em aplausos depois de terem conhecimento da «lição»?... Não me parecendo que assim seja resta-me pensar que o que pretenderam os «Brejnev» foi boicotar activamente uma via política revolucionária (PRP) que mesmo assim conseguiu dividir, mercê da impecável actuação de democracia e inteligência patenteada pelo Pedro Goulart que esteve sempre mais «alto» que os seus mesquinhos provocadores. Destaco a intervenção de um operário da Lisnave, que denotando um ódio de classe que só se liberta» pela

revolução armada» visto os militantes do PC pisarem os olhos pela intensidade das vibrações caudadas pela pergunta que esse operário deixou no ar:

Quem tem medo da revolução?

Tornou-se claro a todos os que estavam na sala como eu (apartidário) que quem tem medo da revolução são os contra-revolucionários e, que para se fazê-la terá que se optar pela insurreição armada, ao contrário do que propõem os novos visionários do poder, que a um socialismo antiautoritário sobrepõem um socialismo autoritário e reformista, tacanho e preguiçoso.

Camaradas proponho que aos revolucionários dos «cravos» e das conciliações opomhâmos a nossa convicção de «classe» e as nossas armas, começando por derrubar essa «muralha» que é o impasse do reformismo, entrave da revolução.

Parece-me ridículo que um partido como o PCP que «devia» por responsabilidades para com o Povo Português-operário-camponês e para com os partidos revolucionários de esquerda, possa manifestar através dos seus

militantes uma tal demência autortária e uma ignorância pouco «revolucionária» ao insurgir-se contra os jovens presentes, acusando-os de esquerdistazinhos e proferindo blasfémias tais como: o MIR é a reacção do Chile e deixem-se lá de dar ao gatilho porque quando se tiver de dar ao gatilho dar um «golpe» em Portugal será o PC quem o dará.

Será que estes «ditos» escapam ao controle do CC ou será que são dele emanados?

Se assim é, nada quero com um partido que controla tudo e todos que se intitula a autoridade máxima dos trabalhadores, e que em nome da sua omnipotência espezinha e menospreza a classe em si.

Se é isto o vanguardismo declarado morte ao vanguardismo que outra coisa não deseja senão assumir o poder e controlar as pessoas, qual polícia do pensamento, não permitir que as mesmas possam fazer a sua opção política liberta de qualquer jugo e dirigismo.

Um esclarecido  
R.G.

## SOBRE O PAPEL DA TECNOCRACIA

Continuação da pág. 10

dúvida, e por isso abandonaram voluntaria e significativamente Portugal após o 11 de Março.

O que pretendemos que fique claro é que houve uma política perfeitamente suicida para com a generalidade dos técnicos, e que muitos deles poderiam (ou poderão) ser aproveitados numa economia em transição para o socialismo. De resto, o carácter não revolucionário da política do P. C. P. (carácter este que só contribuiu, ao por paninhos quentes nas coisas, para agravar a situação económica) levou muitos técnicos a não compreenderem coisíssima nenhuma sobre o que era um projecto revolucionário e a reconstrução económica de um país.

Dado que os reformistas e sociais-democratas, mesmo nos casos das nacionalizações, se limitaram a gerir (e mal) um capitalismo moribundo, os tecnocratas afastaram-se deste quase-cadáver, até porque não viam ninguém no poder que lhes apontasse revolucionariamente as tarefas de reconstrução de uma economia, nas mãos dos trabalhadores e em transição para o socialismo.

### GESTÃO OPERÁRIA E CONTROLE OPERÁRIO

O ponto está justamente em que a economia e, de um modo mais geral, o poder, não se encontrava nas mãos dos trabalhadores, pelo que não havia mais do que um disperso e embrionário controle operário realizado pelas comissões de trabalhadores.

É claro que, não havendo um sólido e organizado controle operário, também não pode existir qualquer espécie de gestão operária. Deste modo, não existia nem gestão operária, nem gestão feita pelos técnicos capitalistas, uma vez que estes haviam abandonado muitas empresas. Assim, e perante o olhar impotente do poder reformista, crescia de um modo inimaginável o deficit nas empresas, fossem elas nacionalizadas, particulares ou com intervenção do Estado.

Acima de tudo o que não houve foi um Plano Nacional de Economia, em cuja feitura os trabalhadores tivessem tido um importante papel: se a gestão operária é impossível no dia imediato à tomada do poder pelos trabalhadores, já é possível um rigoroso

controle dos trabalhadores sobre os técnicos burgueses que queriam trabalhar em cooperação com o novo poder.

O autor do texto publicado há duas semanas reconhecia, de resto que a classe operária necessita de **conhecimentos especializados de natureza técnica** e afirmava que **a ditadura do proletariado terá que submeter ao seu poder a tecnocracia**, para que seja uma realidade **um mundo novo e livre onde toda e qualquer hierarquia seja banida do nosso quotidiano**.

### TRABALHO MANUAL TRABALHO INTELECTUAL

Não queremos terminar este artigo sem fazer uma referencia ao modo como em alguns países se tem tentado superar a divisão entre o trabalho intelectual e o trabalho manual.

De facto, e sendo a divisão entre o trabalho manual e o trabalho intelectual um parametro característico de uma sociedade que tem o capitalismo como modo de produção dominante, é facilmente compreensível que a questão da utilização dos técnicos

burgueses tenha também sido sentida em países em cujos povos travaram uma luta vitoriosa contra o imperialismo (China, Coreia, Vietnam, Cuba, Moçambique etc.).

Como é do conhecimento geral, e embora com cambiantes diversos, nas referidas sociedades os técnicos burgueses da antiga sociedade capitalista e mesmo os actuais estudantes trabalham regularmente no campo ou na fábrica, afim de conhecerem e viverem as condições em que se encontram os operários e camponeses.

Não é difícil imaginar a relutância inicial mas é um facto que muitos deles tem sido **recuperados** isto é, colocam-se voluntariamente ao serviço das massas trabalhadoras contribuindo com o seu saber e os seus conhecimentos para a construção d4 uma nova sociedade.

- (1) — O Capital, tomo VII, págs. 48/49
- (2) — Lenine, obras escolhidas, tomo III, pág. 633
- (3) — idem, tomo II, pag. 746
- (4) — idem, tomo II, pag. 670
- (5) — idem, tomo III, pag. 567

# A ARMA O Revolver



Fig. 2

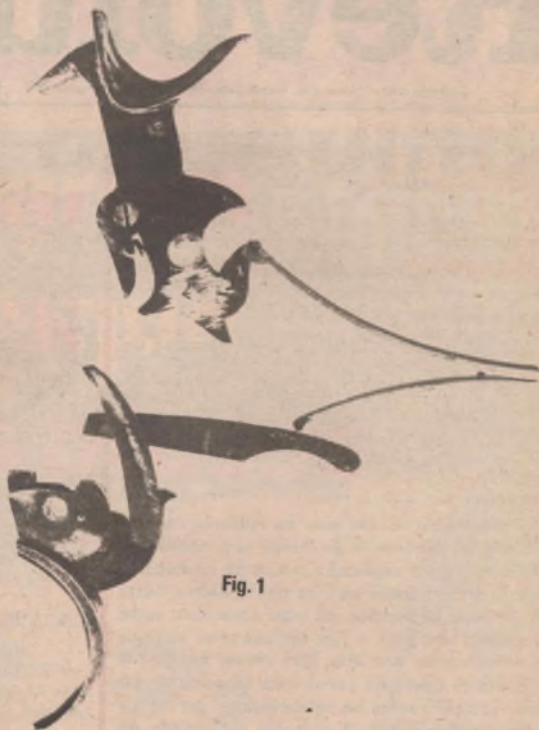


Fig. 1

O revólver é uma arma de mecanismo extremamente simples e de grande precisão de tiro.

Variando muito pouco de modelo para modelo, podemos encontrar as principais diferenças entre eles, no calibre e na forma de «abertura» da arma (Fig. 2 e 3). Os calibres que podem ter estas armas são o 22, 32, 38 e 44. Estes são, digamos, os calibres modernos. E dentro destes existem ainda diferentes modelos no que diz respeito ao comprimento dos cartuchos. É o caso do 22 «long» e do 38 especial, por exemplo.

O mecanismo de disparar que mostra a fig. 1 é o fundamental e comum a todos os revólveres.

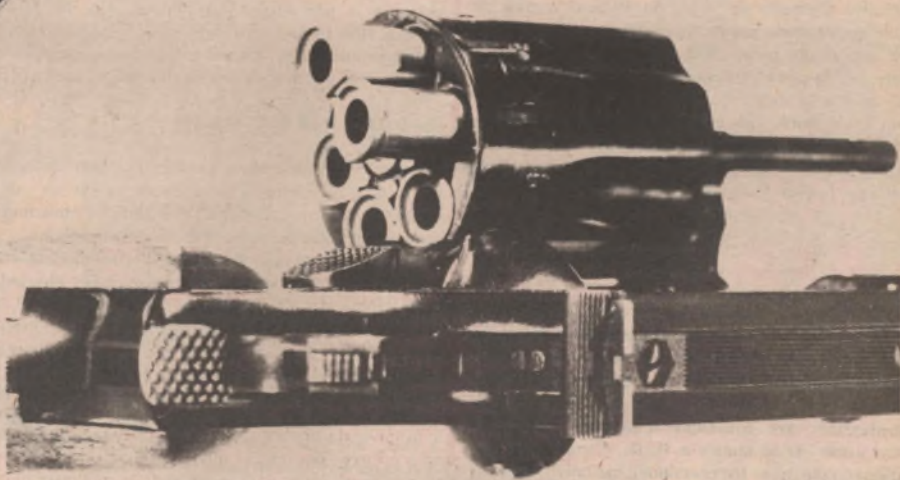


Fig. 3

## A recuperação capitalista em marcha

**2.º Operário** — O PS tem sido o principal culpado de se chegar ao que se chegou. O PS quando foi da unidade e depois disso, fez uma campanha antioperária dividindo os trabalhadores sendo depois ultrapassado pela direita. — PPD e CDS — tal como

aconteceu a nível nacional. Actualmente, e numa caça aos votos, o PS pede a nacionalização da empresa. Os Carvalhos a entrar lá para dentro, é uma vitória da reacção. Nós temos de impedir. E se eu antes estava a trabalhar numa sociedade diferente,

se for para encher os bolsos dos patrões, trabalharei o menos possível. Agora que a intervenção estatal acaba é necessário uma tomada de posição de força dos trabalhadores para impedir a recuperação capitalista. Actualmente existe um Comité Operário de

luta, clandestino, que tem feito sair comunicados no sentido de alertar os trabalhadores sobre as verdadeiras intenções dos patrões.

É assim que vai avançando a nossa organização para defender os nossos interesses.

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, POVOS E NAÇÕES OPRIMIDAS DO MUNDO, UNI-VOS!

# Revolução

Composição e impressão: Renascença Gráfica. Distribuição: DIG — Rua das Chagas, 2 — Lisboa

AVENÇA

## EDITORIAL

Apesar dos vários boicotes, a manifestação do C.L.A.R.P. foi um êxito que ultrapassou todas as expectativas. A presença nas ruas de Lisboa de uma das maiores manifestações desde o 25 de Abril veio marcar este período de impasse em que se calam forças e se avaliam disponibilidades.

A integração no seu seio de milhares de pessoas pobres, homens e mulheres que trazem no rosto, nos fatos e sapatos, a marca da exploração, veio-nos dizer a todos que os trabalhadores deste País, os mais explorados, os mais oprimidos, estão dispostos a vir para a rua solidarizar-se com os que estiveram ao seu lado. Não vieram para a rua por questões concretas como a do aumento de salários, mas por razões de solidariedade, por razões de luta revolucionária. E ninguém teve medo do aparato bélico da P.S.P. em S. Bento. Será que a P.S.P. teve medo da manifestação? De qualquer modo teve de escutar essa massa compacta que da Rua de S. Bento à Calçada da Estrela gritava contra tudo o que é repressão, contra os mercenários, contra a direita. E que lhes deixou como presente plantado na relva do Palácio o riso de Otelo multiplicado por milhares. Ri quem pode, mesmo que esteja preso. Não ri a P.S.P. porque não pode, nunca pôde. Ai ficará séria à espera do fascismo, que a protege, ou da revolução que acabará com ela definitivamente. De qualquer modo nunca acha graça nenhuma a nada. Só nós, os revolucionários podemos achar graça à vida e sorrir ainda e sempre, mesmo na prisão. É que no fim ganhamos sempre e o capitalismo vai sempre perdendo. Se não é hoje, é depois.

Com esta manifestação de força a esquerda aprendeu que ainda tem capacidade de mobilização para um grande exército de rua. Mas a direita também se apercebeu dessa força, o que lhe dá elementos para pesar o risco de manter ou não a margem de liberdade que possibilita à esquerda revolucionária organizar-se contra o Poder. Tanto mais que o período eleitoral (Assembleia Legislativa e Presidente da República) acenderá ainda mais a fogueira.

Por isso a direita pode admitir a hipótese de não esperar pelo final das eleições para fazer um novo golpe de direita. Pode decidir fazê-lo antes, para garantir uma campanha eleitoral mais tranquila. Por isso o sr. Sá Carneiro fala em golpe de esquerda (sem um pseudo-golpe de esquerda como é que eles hão-de fazer um golpe de direita?), por isso há o Festival Aéreo, por isso haverá outras movimentações de tropas. Alerta pois em relação a esta possibilidade, porque há que responder com a força à violência que se desencadeia sobre revolucionários e trabalhadores. Este contraditório poder, que ainda vai reconhecendo a R. P. de Angola, não serve completamente a direita.



## FESTIVAL AÉREO

Vamos ter um festival aéreo, como nunca houve em Portugal. Vai realizar-se na OTA sexta-feira, dia 28 e nele serão empregues grandes meios da Força Aérea. Consta mesmo que serão feitos bombardeamentos com napalm. Este tipo de «festival» nunca foi feito no nosso país, nem mesmo no tempo da guerra colonial. Manobra de intimidação? Ensaio geral? Ou estreia?

Seja como for é bom que se esteja vigilante sobre os movimentos das outras tropas.

## BUSCA EM NAVIO SOVIÉTICO

Sabe-se que no dia 13 foi feita uma busca a um navio soviético ancorado no porto de Leixões. Não se sabe o que levou a que este barco fosse tão intempestivamente invadido, nem se sabe também se isto conduziu a algum incidente diplomático. Mas não está na linha das boas relações com os países de Leste.

## OS SENHORES VOLTAM À CARGA

Nos tribunais há vários milhares de acções contra ocupantes e moradores. São postas por senhorios que se sentem lesados pelas ocupações feitas ou pelas regras que lhes foram impostas pelos moradores. Depois do 25 de Novembro perceberam que os tempos voltaram para trás e correram a pôr acções no tribunal. No Barreiro já há várias ordens de despejo por causa das rendas. Não tardará que exista um Copcon-ao-contrário, que receba os senhores para lhes restituir a sua propriedade, inteira, devoluta, ao gosto e ao capricho daqueles que querem ser senhores da terra, das casas e até se puderem do ar que se respira.

## UM EXEMPLO DE SECTARISMO

Como foi do domínio público e como descrevemos amplamente neste jornal, a manifestação do CLARP teve muitas dezenas de milhar de pessoas. E damos este número para não entrarmos naquele optimismo numérico dos partidos governamentais, que perante manifestação idêntica fariam logo em cem mil pessoas.

Pois acerca do acontecimento de tal importância «O Diário» dedicou vinte e três linhas inseridas numa notícia de título geral **Mais militares libertados**, onde portanto só são encontradas por acaso. Até jornais de administração e direcção do P. S. como o «Diário de Notícias» e a «Capital» se viram obrigados a dar importância à reportagem da manifestação! Só «O Diário» a não deu, pelas razões que se conhecem — a organização da manifestação não correspondia às cores do seu clube. São as mesmas razões aliás para a anterior marcação da concentração na FIL à mesma hora e são as mesmas razões que determinaram boicotes e calúnias como a da Lisnave.

Trata-se pois de clubismo. Ou será que «O Diário» é contra a libertação dos militares antifascistas e ficou arreliado com o êxito da manifestação?... Com tanto sectarismo não se admirem depois que as vendas baixem todos os dias.

## SÁ CARNEIRO, SÁ CARNEIRO, O QUE ANDAS TU A TRAMAR?

No seu discurso da Amadora, o secretário-geral do P. P. D. falou na existência de um golpe de esquerda em preparação, e para tal alertou o público em geral e os Comandos da Amadora em especial.

O que andarà a tramar este secretário-geral? Será que procura arranjar um pretexto para, inventando um golpe de esquerda, ele e os seus amigos fazerem um golpe de direita? Especializaram-se nisso no 25 de Novembro e podem neste momento ter chegado à conclusão que mesmo antes das eleições é preciso apertar mais a tarracha aos trabalhadores e aos revolucionários. Estarão a preparar um golpe de direita pré-eleitoral?

Alerta pois, para Carneiros e demais!

São destas manobras que lhe ensinaram lá nos «Cursilhos» e que fazem de uma longa experiência da Opus Dei.